

ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NÚMERO 29

Lisboa 1 de Março de 1927

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

Veramon

Schering



O mal estar proprio da mulher alcanca com frequencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por intristecer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir efeitos nocivos. Adquira V.Ex^a um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.

69361/6





Os novos
DE RESZKE "TURK"
Custam 6\$50 por cada 20 cigarros

portanto pôde V. Ex.^a fumar "DE RESZKE" todos os dias

Que bela noticia! — o afamado *Cigarro para os afortunados* está agora por um preço ao alcance de todos os que apreciam as coisas finas da vida.

O tabaco super-fino confeccionado com pericia por técnicos de longa experiência e papel extra, tudo se combina para manufacturar um cigarro distinto, merecedor do nome afamado do grande tenor que concedeu o seu nome á marca de cigarros que se tornou mundial.

Vá cêdo hoje á sua tabacaria e peça um pacote de DE RESZKE "TURK" a 6\$50 por 20. — No Porto 7\$00 por 20.

Outros cigarros "DE RESZKE" são «VIRGINIA» 6\$50 por 20; e 15\$00 por 50. «TENOR» turco de luxo, 25 por 18\$00, 50 por 35\$00 e 100 por Esc. 68\$00.

A' venda em todas as ta-
 bacarias de Lisboa e Porto

H. MITCHELL, L.^{da} — LISBOA

M.^c Corrie & Peixoto — Porto

Historia de Portugal

POR

Alexandre

Herculano

EDIÇÃO ILUSTRADA

em 8 volumes no formato 12×18, impressos em esplendido papel,
publicando-se um volume mensal

A SAIR EM MARÇO O VOLUME I

Por assinatura:

o pagamento aos tomos faculta a quem o
desejar, a aquisição desta obra monu-
mental, pouco a pouco, sem qualquer en-
cargos pesado.

Preços em brochura:

Continente e ilhas, sem mais des-
pesas, cada volume:

Escudos 10\$00

COLONIAS PORTUGUESAS

PAGAMENTO ADEANTADO

Incluindo porte, embalagem e despesas
de cobrança, etc.

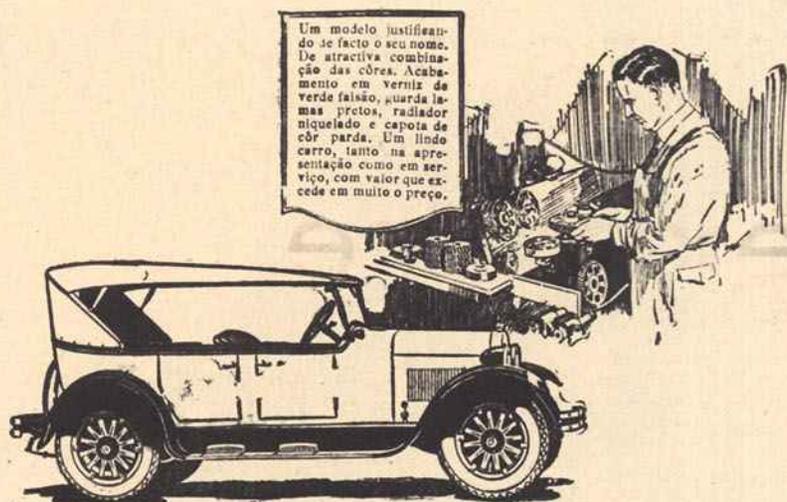
Depois de publicados os 8 volumes, só se venderá
a Obra completa pelo preço de Escudos

80\$00

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos aos Editores

Livrarias Aillaud e Bertrand

73, Rua Garrett, 75—LISBOA



Um modelo justificado se facto o seu nome. De atractiva combinação das cores. Acabamento em verniz de verde falso, guarda-lamas pretos, radiador niquelado e capota de cor parda. Um lindo carro, tanto na apresentação como em serviço, com valor que excede em muito o preço.

Autómovel Sport-Tourismo

Fundamentos Ocultos De Longa Duração

Um automóvel, á semelhança de uma casa póde PARECER muito mais sólido do que realmente é.

Os carros Dodge Brothers têm demonstrado porêem, no decurso de doze anos, que os seus fabricantes se preocupam mais ainda com os seus predicados

ocultos de bondade do que com os que estão á vista.

São de tanto apreço para os possuidores de automoveis Dodge Brothers as despesas poupadas, os dessarranjos evitados e a comodidade que gosam como a mais insignificante minucia de feitio ou equipamento.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

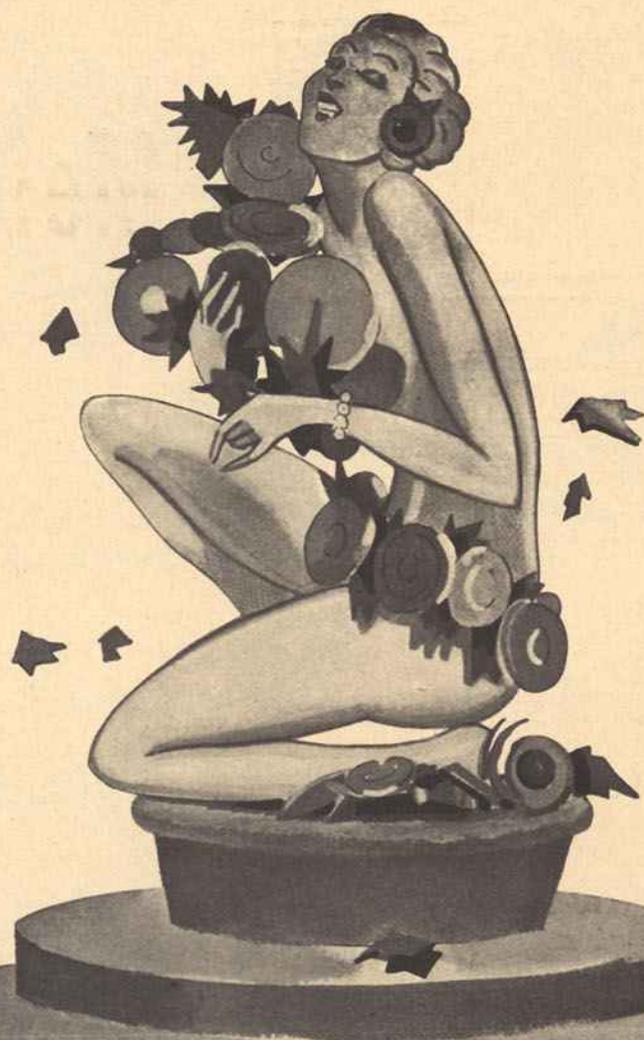
LISBOA

1, Avenida da Liberdade

PORTO

21, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS



BERTRAND IRMÃOS, L^{DA}

+ GRANDES + ATELIERS +
+ DE + GRAVURA +

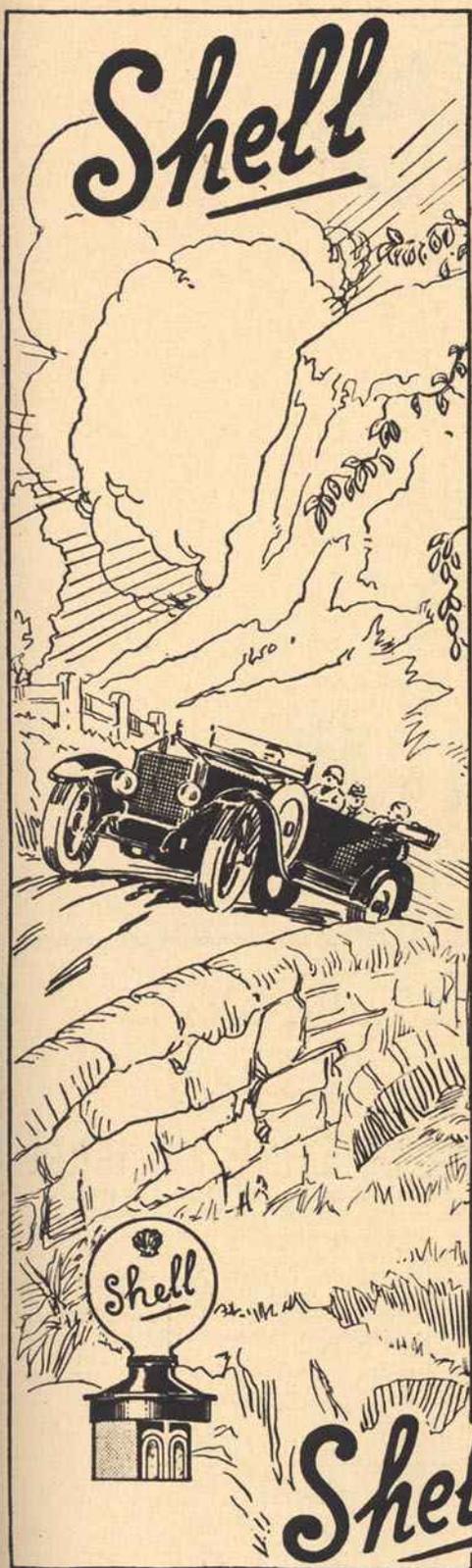
T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

Uma só qualidade a Melhor

A uniformidade da G-
azolina da **SHELL** evita
o terdes de constante-
mente regular o carbu-
rador do vosso carro.

Automobilistas segui o
exemplo dos peritos e
exigi sempre **SHELL**.

GAZOLINA
— E —
OLEOS ...



THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA



CHARLESTON BRISTOL CLUB

PETROLEO M. d. F.



HAHN 

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24\$00 FRASCO PEQUENO 17\$00
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: **J. DELIGANT, L.^{da}**
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

O 3.º numero do MAGAZINE BERTRAND

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUARIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º—NÚMERO 29

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE MARÇO DE 1927



O BAPTISMO DO «ARGOS»

(Cl. Serra Ribeiro)

INSTANTANEO COLHIDO NO MOMENTO EM QUE A SOBRINHA DO ILUSTRE AVIADOR, MAJOR SARMENTO DE BEIRES, QUEBHA A SIMBÓLICA GARRAFA DE CHAMPAGNE, BAPTISANDO O AVIÃO QUE VAI DAR A VOLTA AO MUNDO

CRÓNICA DA QUINZENA

Como já se esperava, o actual ministro da Instrução, sr. dr. Alfredo Magalhães, acaba de revogar, em grande parte, a reforma da instrução secundária decretada pelo seu antecessor, sr. dr. Artur Ricardo Jorge. Este senhor era, ao tempo, uma pessoa da maior competência para o cargo que tinha sido chamado a desempenhar.

A mesma competência tem, presentemente, o sr. dr. Alfredo Magalhães. Não é de estranhar, portanto, que as mesmas pessoas que ontem achavam ótima a obra do sr. dr. Artur Ricardo Jorge hoje a declarem péssima. Sem lhes seguirmos os passos, diremos em todo o caso, que sendo mau o que estava, e necessitado de côncerto, quando o sr. dr. Artur Jorge foi alçado a ministro, pior ficou, indubitavelmente, com as suas reformas (no que respeita aos estudos, bem entendido). E sendo assim, teríamos de aprovar o acto do ministro que fizesse voltar tudo à primeira forma.

A quem, na verdade, que conheça um pouco os problemas do ensino liceal pode jamais passar pela cabeça a ideia estúrdia de o encurtar por cima? Por baixo, pode pensar-se, e há-de vir a fazer-se um dia, à medida que a escola primária fôr melhorando na qualidade do seu mestrado, e no manejo dos métodos activos. Mas, por cima! Esquece-se que os conhecimentos não sobem do liceu à universidade, como os rios não correm para a sua origem; esquece-se que a matéria do ensino secundário é o *sedimento do ensino superior*. Enquanto os conceitos científicos se elaboram, os factos novos, sujeitos a debates e verificações, boiam na corrente, ora rápida, ora lenta, da *ciência que se faz*, movem-se no âmbito limitado dos círculos científicos, e pairam na atmosfera do ensino superior. Mas à medida que as novas noções *assentam*, elas passam à categoria de *ciência feita*, dirigem-se para o campo das aplicações práticas, e caem no domínio público. A partir d'êste momento, torna-se difícil, senão impossível, esquivar-lhes e entrada nas disciplinas liceais. Pode-se, por exemplo, privar um rapaz que termina o seu curso liceal, e que no domínio das sciências físicas não receberá outro ensino, de uma noção, por mais elementar que seja, das ondas hertzianas? E quem diz ondas hertzianas, diz tantas outras coisas que há vinte, trinta anos, eram objecto de pura especulação científica, e de que só nas Faculdades de sciências poderia, então, ouvir falar. E como, nem o rio das descobertas científicas dá mostras de querer retardar o seu curso a ponto de se poder inventariar o saber adquirido, reduzindo-o a uma *Summa científica*, espécie de sciência condensada, em comprimidos; nem a evolução individual do cérebro humano se acelerou a ponto de o adolescente de dezasseis anos possuir, hoje, o desenvolvimento físico que, antes, tinha o rapaz de dezasseis, não é, seguramente, no sentido do seu encurtamento que poderá ser resolvido, nestes anos mais chegados, o problema da duração do ensino liceal. Melhor teria sido, pois, não provocar a discussão sobre este ponto, e deixar estar o que estava que não é demais, ... nem bastantes, estejam certos disso os papás.

O actual titular da pasta da Instrução restabeleceu os sete anos do curso liceal, e fez bem. Todavia, nalguns pontos o sr. dr. Alfredo Magalhães entendeu dever manter o que fizera o seu antecessor. Assim, os novos programas ficaram, sem embargo de alguns d'êles merecerem ser atirados para o cesto dos papéis. O de filosofia, por exemplo, é alguma coisa de infável, alguma coisa como o Deus de Nicolau de Cusa — *inscibilis, inatingibilis, inopinabilis, sibi soli notus*.

Os programas do nosso ensino secundário são quasi sempre inadequados: os actuais não fazem excepção à regra. Inadequados, não porque quem os confecciona não fôsse capaz de fazer melhor, mas porque os não guia o critério da finalidade do respectivo ensino na escola secundária; e faltando êle, vão talhando um pouco a esmo, tira aqui, põe acolá, obedecendo, na melhor das hipóteses, a critérios secundários, na maior parte dos casos, a meras predilecções pessoais. Estamos certos de que os programas seriam bem melhores se cada um dos respectivos autores começasse por perguntar a si próprio, *mutatis mutandis*: «qual é o objectivo do ensino da filosofia nos liceus? qual o proveito que se pretende que o aluno tire d'êste ensino para a sua formação mental? quais os limites que não deve ultrapassar para não invadir o ensino superior? que é que da psicologia é indispensável conhecer para o futuro médico, para o engenheiro, para o professor, para o advogado, para o filólogo, para o historiador, para o politico, para o financeiro? que qualidades de espirito procuramos nós desenvolver no aluno com êste ensino? etc».

Enquanto se não proceder desta forma, marcando o ministro, em termos precisos, os limites dentro dos quais têm de mover-se as pessoas encarregadas de confeccionar os programas, continuará a succeder o que mais de uma vez se tem visto: programas detestáveis saírem das mãos de pessoas incontestavelmente sabedoras.

Não é êste o lugar apropriado para analisar e discutir, quer o recente decreto do actual ministro de Instrução, quer a reforma que êle vem, em grande parte, revogar; por isso nos limitamos a êstes leves comentários. Demais, está ainda para vir a reforma do ensino secundário que parta do ponto de onde é necessário partir — do conhecimento da nação a que a reforma se destina.

Quando um engenheiro tem de construir uma ponte, começa por fazer o estudo do local: os pontos extremos que a ponte tem de ligar, a qualidade do terreno sobre que têm de assentar os pilares, as diferentes alturas a que a ponte tem de ficar do solo, a sua extensão total, as cargas que é destinada a suportar, etc.; e é de todos êstes dados rigorosamente determinados que sai a conclusão sobre qual a natureza dos materiais e o modo da construção mais convenientes para o caso. Da mesma maneira, o médico chamado a tratar de um doente começa por indagar dos seus antecedentes mórbidos, do modo como a doença se manifestou, dos sintomas que apresenta, do grau de robustez do doente e da maneira porque reage à acção do

agente etiológico; e é d'êste estudo que se deduz a terapêutica a aplicar e o regimen a seguir. Nem o engenheiro começa por traçar uma ponte ideal, nem o médico por estabelecer uma terapêutica ideal.

Um e outro partem do estudo minucioso do *caso concreto*, dos dados precisos da observação, para chegar a uma realização concreta *perfeitamente adequada ao caso*; têm presentes ao espirito certos *modêlos* de pontes, certos *tipos* de tratamento, mas tão somente para lhes servirem de guias, para termo de comparação.

Não assim os reformadores do ensino. Do caso concreto apenas retêm «s queixas e reclamações contra determinados defeitos da organização existente; e na sua satisfação e remédio põem o fito de reforma. Para isso, partem de um *sistema ideal* de educação ou de organização do ensino que, na melhor das hipóteses, é deduzido de uma concepção filosófica. Na maior parte dos casos é apenas a generalização abstracta das preferências do reformador pelo sistema de educação ou pela organização do ensino de determinado país: sistema francês ou alemão, inglês, belga, suíço, norte-americano, etc. Encontrado o sistema ideal, resta apenas estampá-lo no «Diário do Governo», e está a reforma feita. As melhores reformas ainda tem sido aquelas em que o reformador procurou adaptar o «seu sistema» às condições em que o país se encontra; mas como não se começou por onde se devia ter começado — pelo *estudo do terreno* — a adaptação ficou sempre coxa. É como quando se pretende adaptar um antigo convento a hospital: nunca fica coisa com jeito, a não ser que se deite tudo abaixo, deixando só de pé as paredes exteriores.

Uma nação tem, também, os seus antecedentes, próprios e hereditários, tem uma história, uma curva de evolução que importa conhecer; tem uma estrutura social, uma coesão, maior ou menor dos seus elementos componentes, uma resistência, maior ou menor, às causas de dissolução social. Há, depois, que considerar as manifestações da sua actividade: o estado da sua agricultura, da sua indústria, do seu comércio, da sua politica, da sua produção literária, científica, etc.; a sua situação na politica mundial, com as possibilidades que ela lhe permite, e os limites que lhe marca a essas mesmas possibilidades. Por fim, o estudo dos costumes privados e públicos, na familia, na vida religiosa, nas profissões e nas classes; as qualidades e defeitos do português: por exemplo, a sua superior aptidão manual, o seu verbalismo, e a sua mentalidade mágica, o espirito de quimera e o espirito de intrujice, a sociabilidade expansiva e a frouidão do espirito colectivo, o entusiasmo impulsivo e a falta de perseverança, etc.

E é, só, depois de tudo isto considerado, que nós podemos pôr o problema em equação: qual o sistema de educação e de instrução mais conveniente, e quais os métodos de ensino mais apropriados a um povo nestas condições?

ECOS DA REVOLUÇÃO EM LISBOA



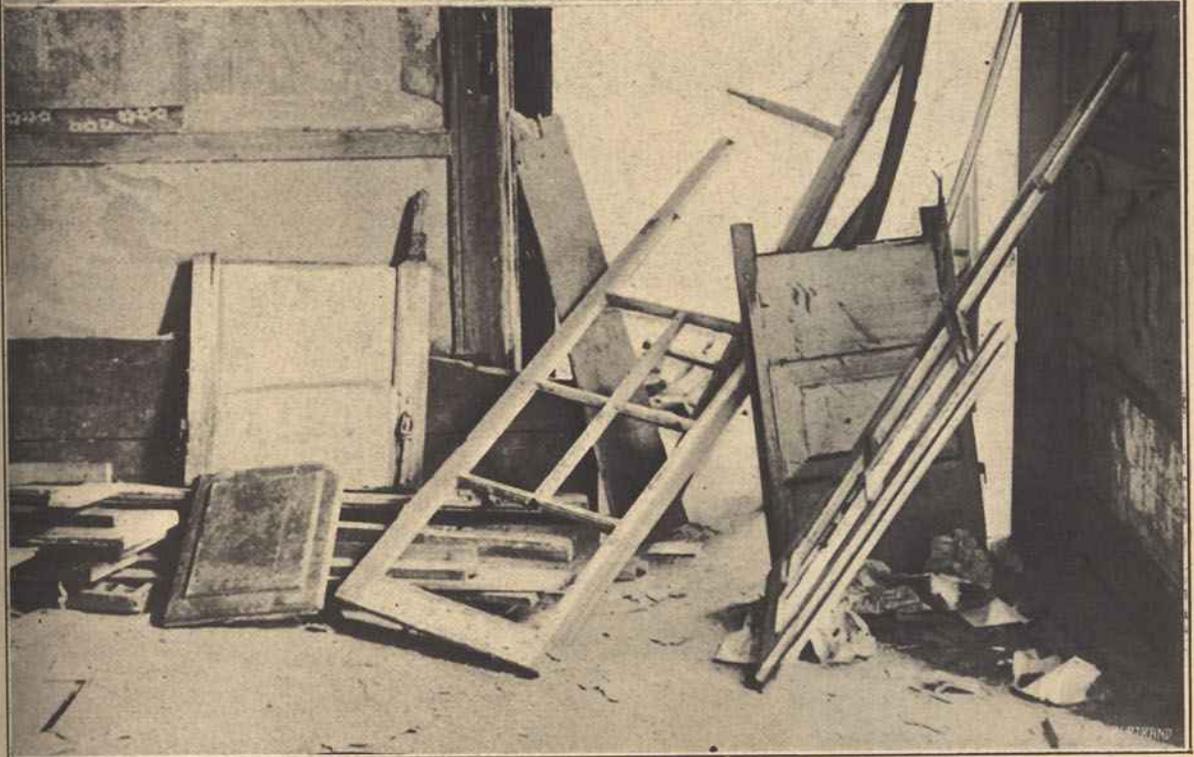
No oval: Na Travessa de S. Mamede, o 1.º tenente Aguião Lança e os marinheiros revoltosos, vendo-se, à direita, o clássico «Gavroche» de todas as revoluções, transportando pedras para a barricada. — Em baixo: Os revoltosos na barricada da rua da Escola Politécnica, à esquina da rua da Fábrica das Sédas, com o cãozinho que, são e salvo, atravessou todo o tiroteio.

ECOS DA REVOLUÇÃO EM LISBOA



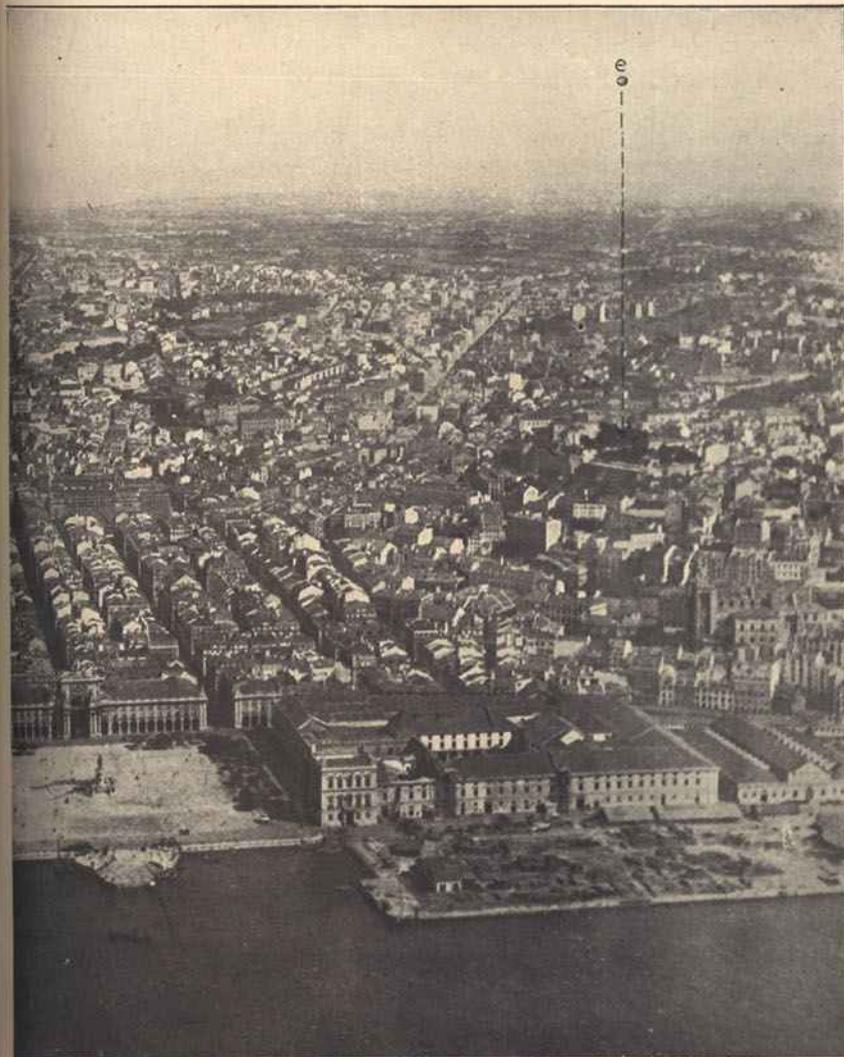
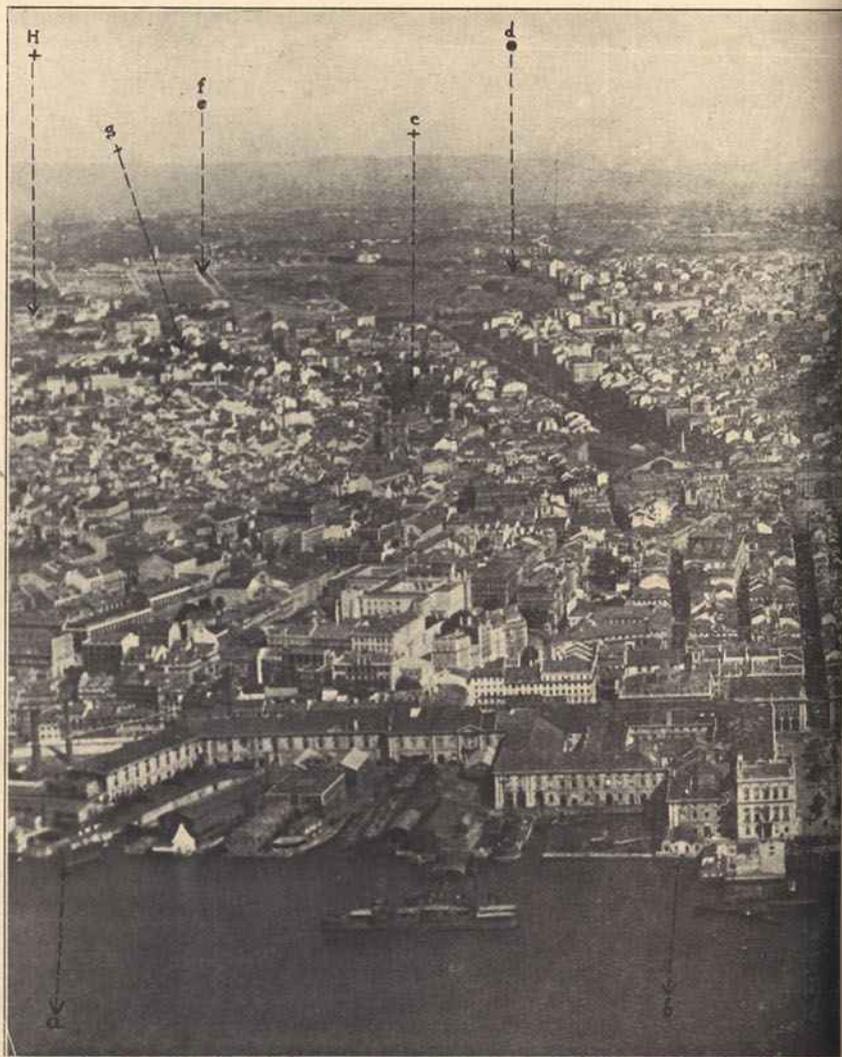
Em cima: Abreindo a trincheira de S. Mamede. — *Ao centro:* A barricada da Travessa da Cara, a S. Pedro de Alcântara. — *Em baixo:* Marinheiros revoltosos no Largo do Carmo, em frente do quartel da G. N. R.

ECOS DA REVOLUÇÃO EM LISBOA



Em cima: Um camion da Câmara Municipal, ao serviço dos revoltosos, no Largo Trindade Coelho. — Em baixo: Aspecto das instalações do «Correio da Noite», depois do assalto dos revoltosos

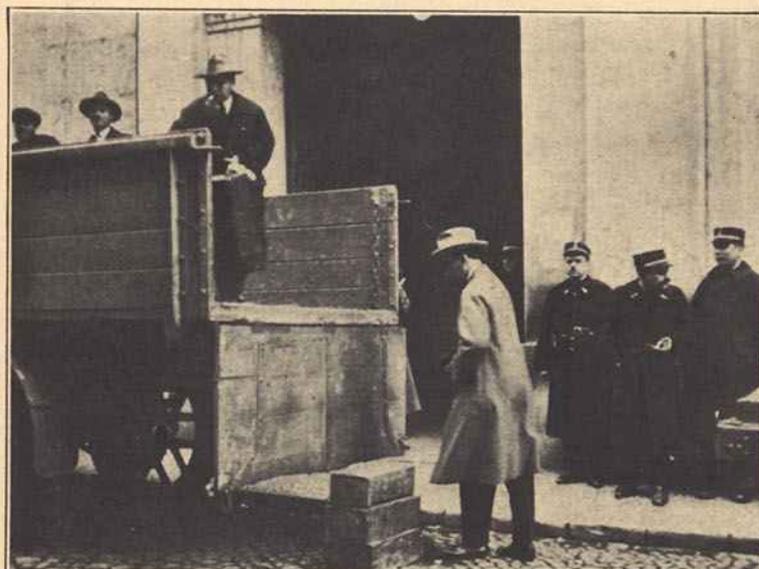
LISBOA E A REVOLUÇÃO



A parte ocidental da cidade foi, no último movimento, a escolhida pelos revolucionários para campo de operações. No aspecto, que publicamos, de Lisboa vista do ar, as setas indicam: *h* e *b*, Arsenal de Marinha; *h*, Ministério da Guerra; *e*, S. Paulo de Alcântara, primeiro quartel general revolucionário; *g*, Praça do Rio de Janeiro e Escola Politécnica; *h*, Praça

de um alinhamento indicam as posições das tropas governamentais e as que tomaram por uma cruz, as das forças rebeldes, referidas estas posições ao início do movimento. — *h*, Arsenal de Marinha; *h*, Governo; *d*, Praça E. Luís de VII (Restauração); *h*, Comissaria e Quartel de Metralhadoras; *e*, Castelo de S. Jorge e as restantes eminências de Lisboa oriental

ECOS DA REVOLUÇÃO EM LISBOA



A porta do edificio do Governo Civil, um camião recebendo indivíduos detidos por motivo do último movimento revolucionário. — Escortados por forças de cavalaria da G. N. R., os camions, cheios de presos saídos dos calabouços do Governo Civil, seguem pela rua Capêlo, previamente varrida de curiosos



A porta da Cadeia Nacional (antiga Penitenciária) aguardando a hora da visita aos presos do último movimento

ECOS DA REVOLUÇÃO NO PORTO



Foi coroada do mais lisonjeiro êxito a iniciativa da *quete*, levada a efeito no Porto por ilustres senhoras da sua primeira sociedade, em benefício das famílias atingidas pelas consequências da revolução, que as colocaram nas mais precárias circunstâncias. As nossas gravuras representam: *ao medalhão*, um ilustre momento de generosidade: *à direita*, um gentil grupo de senhoras encarregadas da *quete*, à porta do Banco Pimo & Soto Mayor; *ao centro*, outro grupo, na Universidade do Porto.

O grupo de meninas e senhoras, que a nossa gravura apresenta e que foi dos que mais donativos recolheu na *quete* realizada na capital do Norte, era o que tinha o seu «quartel general» em casa da sr.^a D. Isaura Pinheiro





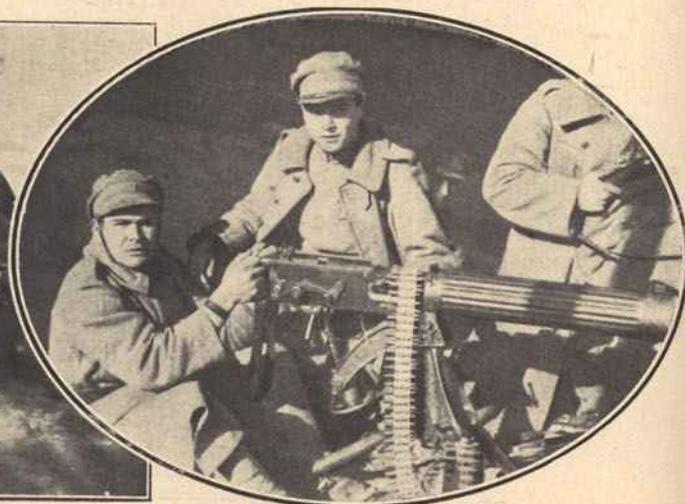
Praças de artilharia 5, da Serra do Pilar, reconduzindo as munições para o paiol, finda a luta



Oficiais e o regimento de cavalaria de Aveiro, que tomaram parte na repressão do movimento do Porto



«Chaufeurs» do norte, que foram mobilizados e postos ao serviço das forças governamentais



Um reduto de metralhadora na rua Chã

ECOS DA REVOLUÇÃO NO PORTO

A enfermaria n.º 14 do Hospital de Santo António, uma das que mais feridos recebeu durante o movimento revolucionário do norte



Grupo de senhoras que tomou parte na *quête* em favor das famílias pobres atingidas pelas consequências da revolução do Porto. O grupo que a nossa gravura representa tinha a seu cargo a área onde está o palacete dos viscondes de Lobão, onde foi feita a fotografia, vendo-se ao centro, em cabelo, a sr.ª viscondessa de Lobão

A pequenina Angelina Alves Moita, do Asilo das Abandonadas, ferida durante a revolução e a quem foram amputadas ambas as pernas, por baixo do joelho. Na sua ingenuidade infantil a pobre Angelina, crê que as pernas tornarão a crescer-lhe. Junto do leito, o hábil operador dr. Alvaro Rosas, dr. Casimiro Barbosa, dr. Manuel de Carvalho e dr. Claudino Alves



ACTUALIDADES

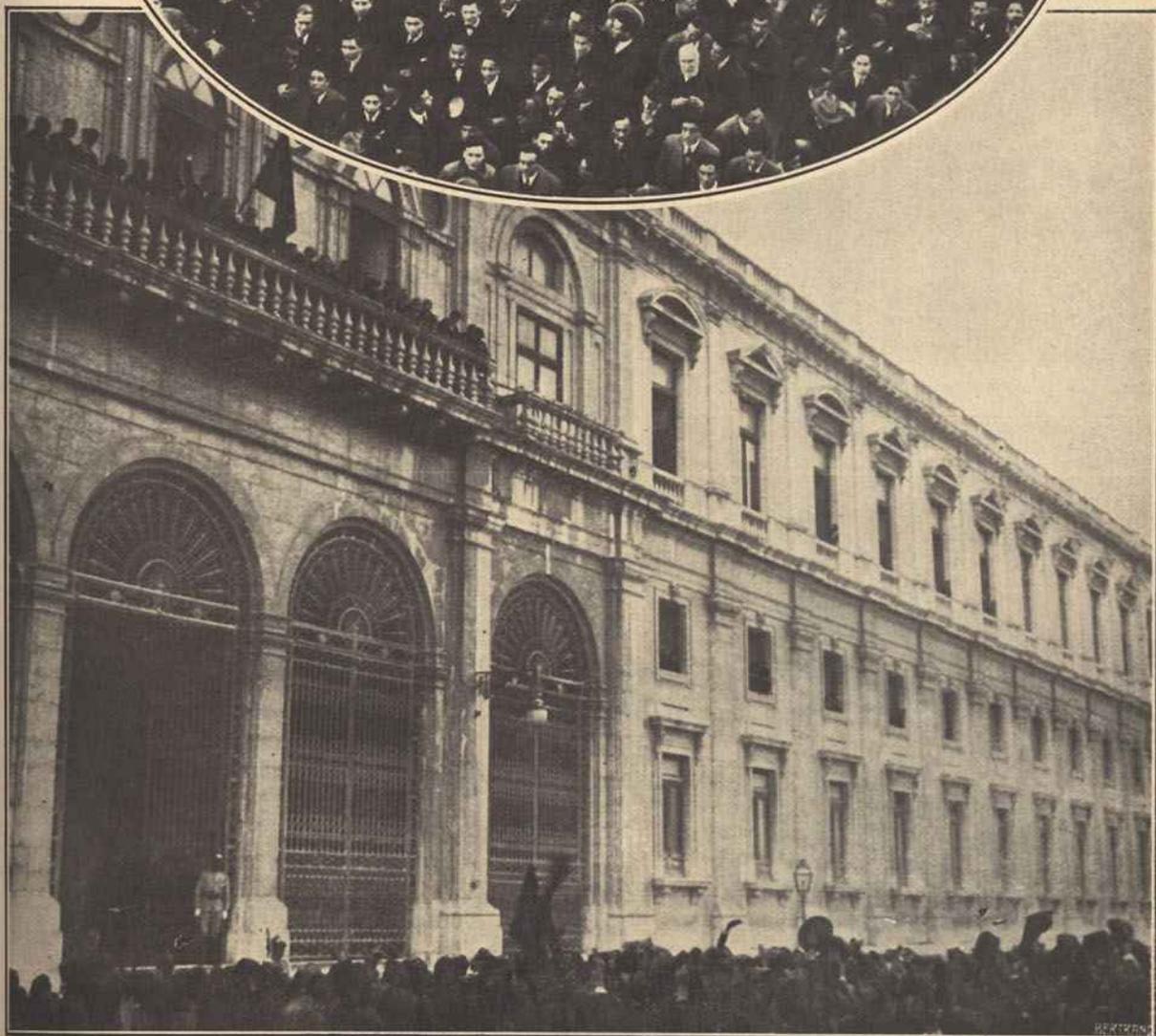
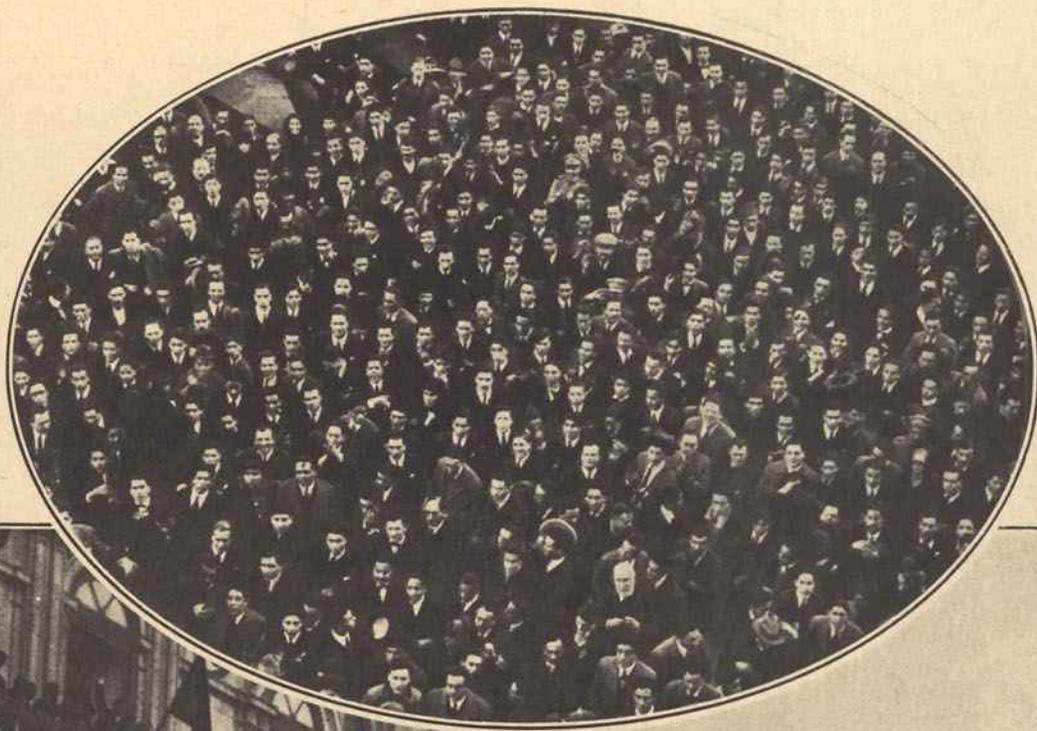


S. Ex.^a o sr. Presidente da República, membros do governo, corpo diplomático e assistência ao jantar oferecido em honra do Chefe do Estado por Mgr. Nicotra, Nuncio de S. S.



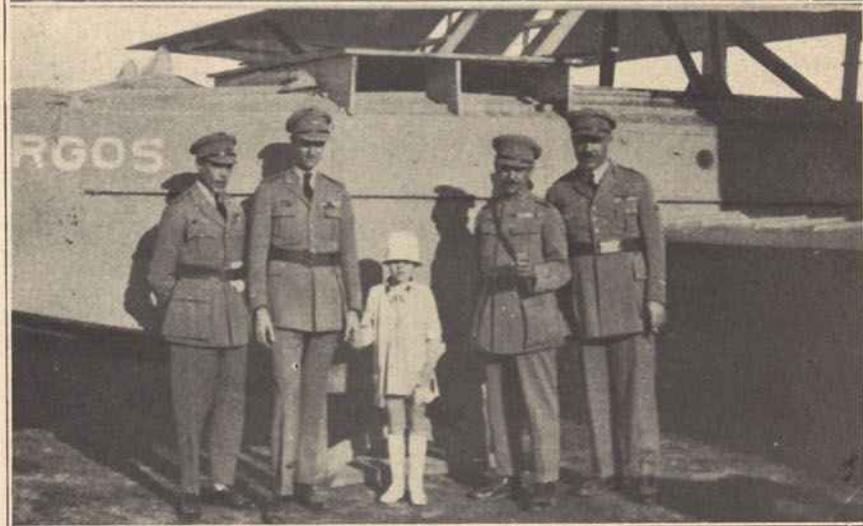
Mgr. Nicotra, Nuncio de S. S., com os dignitários da Ordem Pontifícia do Santo Sepulcro em Portugal. Da esquerda para a direita: srs. Octavio Pinto da Rocha, Frazão de Vasconcelos, General Oliveira Simões, Marquês de Faria, D. António Maria de Noronha, Visconde de Silvarcs, Conde do Boinim e Visconde de Saanches de Baena

ACTUALIDADES



Dois aspectos da manifestação de aplauso ao governo, promovida por estudantes do Porto, Coimbra e Lisboa.

ACTUALIDADES



O avião que vai dar a volta ao mundo, levando nas asas a cruz das antigas caravelas da era das descobertas, chama-se Argos, como a nave que levou Jason e os seus companheiros na empreza do vélo de ouro. Há dias, no parque de Alverca, realizou-se o baptismo laico, que a gravura da nossa primeira página fixou e o baptismo religioso, celebrado pelo sr. bispo de Trancoso, como mostra a gravura superior desta página. As restantes gravuras representam ainda: a placa de prata cinzelada oferecida à aviação portuguesa por uma senhora da primeira sociedade, que deseja e tem mantido um rigoroso anonimato e, em baixo, a equipe do «Argos», constituída pelos maiores Sarmento Beires e Português, capitão Castilho e alferes Gouveia, vendo-se ainda no grupo a graciosa pequenita, sobrinha do maior Beires, que foi madrinha do avião.

ACTUALIDADES



Aspectos da mesa e assistência à sessão de homenagem ao ilustre professor e jornalista, Dr. Bento Carqueja, realizada na Universidade do Porto



Alunas do Externato Particular da Paz do Bairro (Porto), que tomaram parte no xarau realizado naquele colegio em 29 de Janeiro, representando a peça em 1 acto, «Tenda de Noivado»

SOCIEDADE ELEGANTE



Casamento da sr.^a D. Maria Clara F. Cardoso de Oliveira, gentilíssima filha do Ilustre Embaixador do Brasil, com o sr. Oscar Pires do Rio, adido ao Consulado Geral do Brasil em Lisboa, realizado em capela armada no palácio da Embaixada, vendo-se à esquerda o Núncio Apostólico que celebrou a cerimônia



Grupo de convidados, ao jantar oferecido ao corpo diplomático, pela sr.^a Condessa de Gonçalves Pereira, na Avenida Pátice, vendo-se sentados da esquerda para a direita: Madame Rosen, Madame Voretzsch, Madame Cardoso de Oliveira, Núncio Apostólico, Condessa Gonçalves Pereira, Madame Pralon, Madame Cantillo, Madame Wech. Em pé, da esquerda para a direita: os srs. Ministro de França, Ministro da Argentina, Viscondessa de Silveira, D. Virgínia de Figueiredo Cardoso de Oliveira, Condessa de Faria, Encarregado de Negócios da Noruega, Ministro da Alemanha, Embaixador do Brasil, Ministro de Itália, Madame Galli, Ministro da Holanda, Capitão Alexandre de Silveira, Marquês de Faria e Encarregado de Negócios do Uruguay.

(Cl. Serra Iúbeiro.)

SOCIEDADE ELEGANTE



Casamento da sr.^a D. Inês Mourimont Teixeira Marques, com o sr. Eduardo Marques Bonato, realizado na sua residência, em Paltavá. Padrinhos e convidados



Assistência ao chá dançante de caridade, realizado nas salas do Avenida Palace, na tarde de 29 de janeiro, levado a efeito por uma comissão de gentis senhoras da nossa melhor sociedade. — No medalhão: Casamento da sr.^a D. Maria do Carmo Batalha Manzoni de Sequeira, com o sr. José Maria da Guia Xavier, realizado na Igreja da Conceição Nova

(Cl. Serra Ribeiro.)

SOCIEDADE ELEGANTE

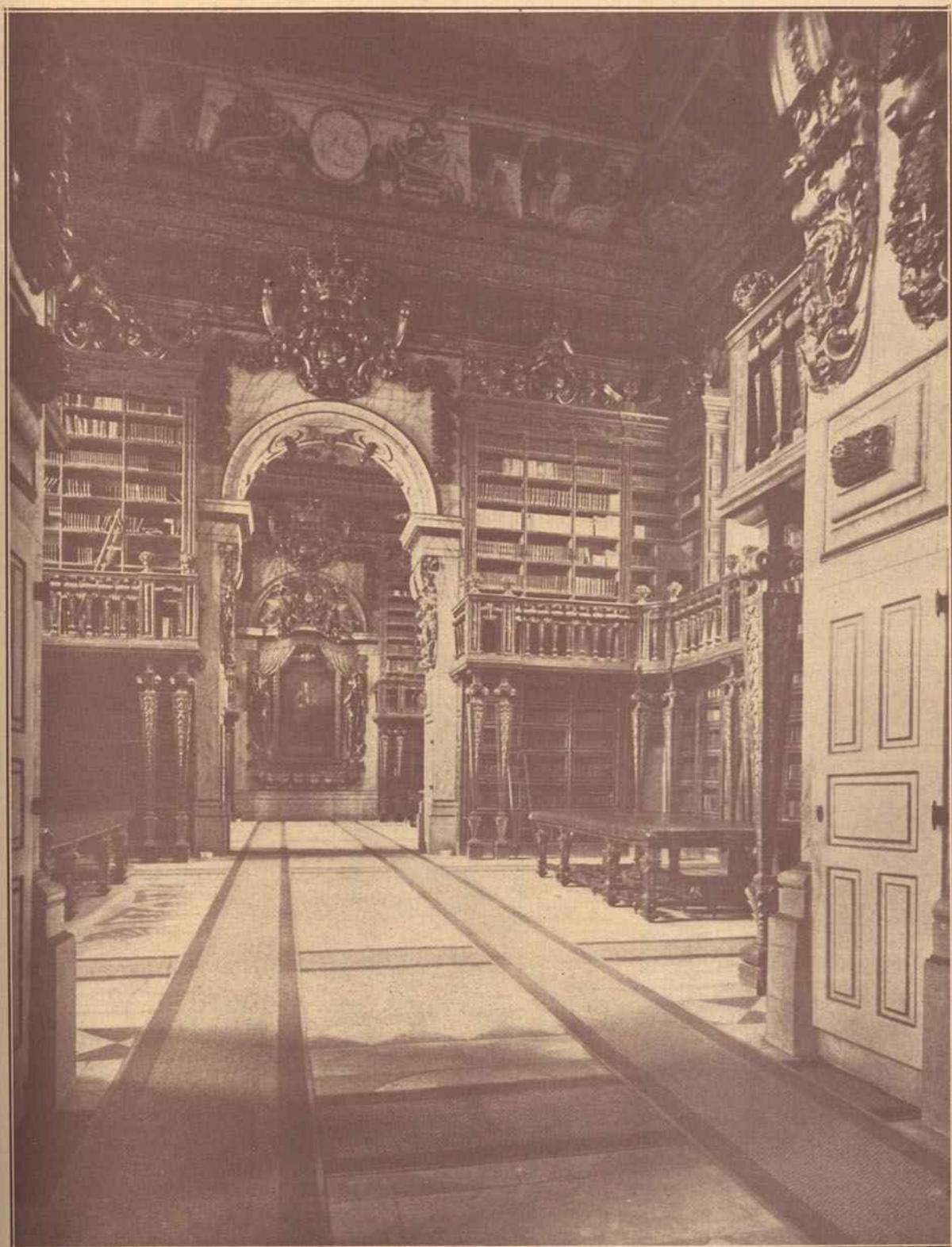


Na Igreja do Coração de Jesus, realizou-se, no dia 24 de Fevereiro findo, o casamento do sr. Francisco Bertrand com a sr.^a D. Irene da Conceição Gonçalves.
— Na residência da família Kisen, realizou-se o casamento de D. Margaret Kisen com o tenente-coronel aviador, sr. Alberto Courtills Cifka Duarte.



Assistência ao banquete oferecido pela companhia de navegação Lloyd Brasileiro, a bordo do «Almirante Alexandrino», novo e luxuoso barco daquela empresa que entrou no Tejo pela primeira vez.

ILUSTRAÇÃO
PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



COIMBRA — BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

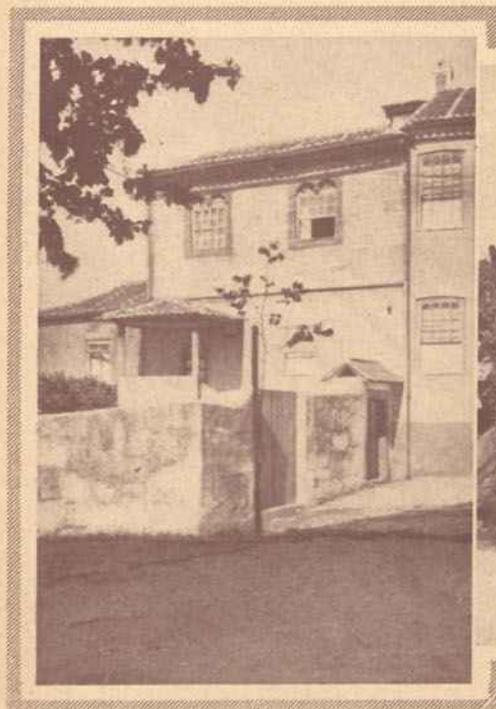
A CASA PORTUGUESA

VISEU



CASA DO MIRADOURO. Notável construção do século XVI fundada por Fernando Ortiz Vilhegas, Abade de Castelões e chanceler da Sé, cujo braço se vê no entabelamento da janela. Muito posterior é o braço dos Mellos, sobre a porta, que así figura por ter sido a moradia adquirida por um Condego Pires Bandeira da Casa da Torre Dóia. Hoje é, por herança, propriedade da família Calheiros.

Na retorta cidade encontram-se ainda algumas casas manuelinas em boa conservação.



Linda entrada da Casa de S. Miguel, propriedade da família Cardoso de Mello Girão.

ANIMAIS

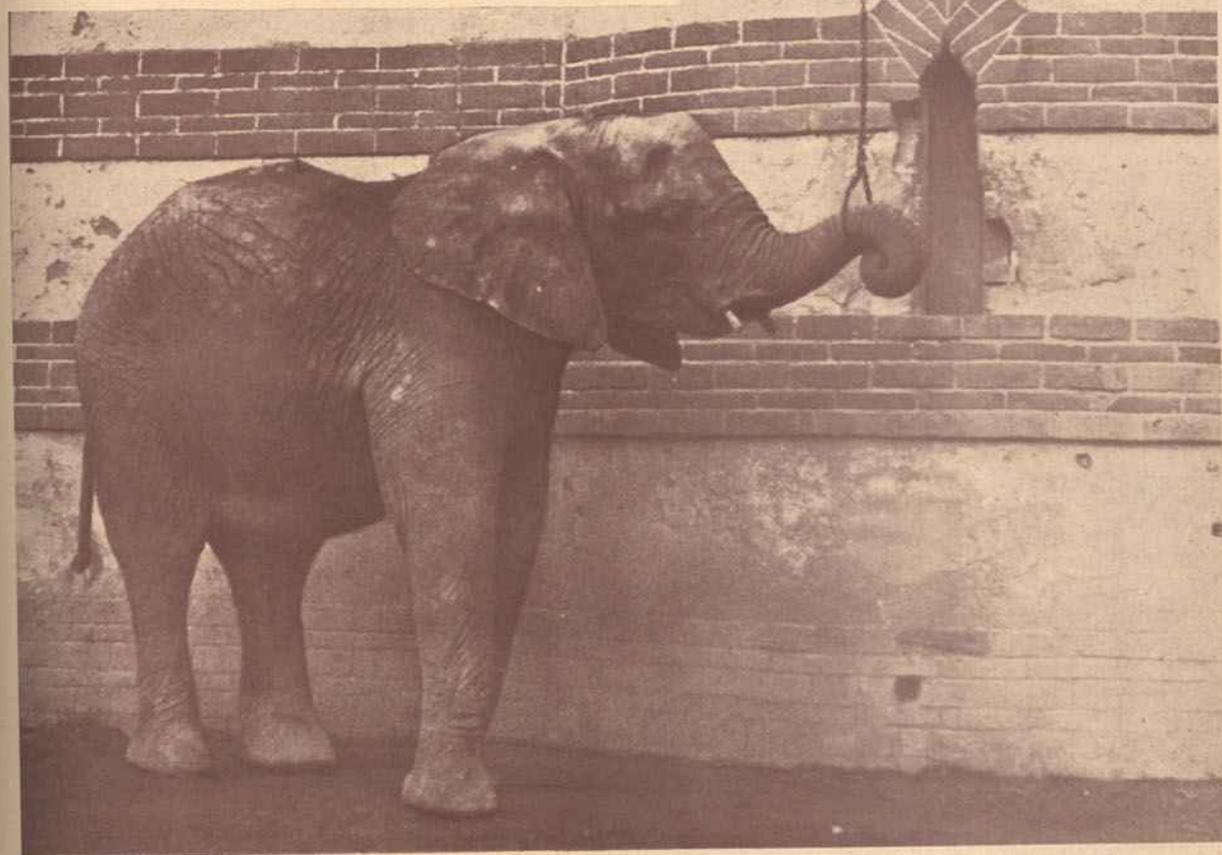
NOSSOS ESCRAVOS

Não há nada que o homem mais preze do que a sua liberdade. A prisão e a clausura são usadas como castigo ou voluntária penitência, importando sempre sacrifício, o maior sacrifício que se pode impor a um ser que foi criado para livremente deambular pela terra firme e a quem, na sua função de livre deslocação, já os continentes não chegam e depois de ter sulcado todos os mares disputa agora às aves o domínio do seu elemento natural.

Sedento de liberdade, o homem não hesita, antes gostosamente folga, em privar dela os animais, para seu recreio e distração.

Todos lhe servem, desde que possa demonstrar a sua tirania de rei da criação, pondo a ferros os seus súditos, sempre mais fracos, pelo menos de inteligência, embora por vezes terrivelmente fortes e dotados de formidáveis meios de defesa e ataque.

E assim que o homem, só por capricho da sua curiosidade, com a mesma semcerimónia com que encerra um leão, nos quatro metros quadrados duma jaula, mete, na estreiteza dum bocal de vidro, um daqueles peixinhos encarnados, que chegam a entontecer na ilusão de que teem para morrer-se um vasto e profundo lago.



Um dos pequenos elefantes do Jardim Zoológico de Lisboa, que ganha a vida a tocar sineta



O sorriso de «Vênus», a hipopótamo do Jardim Zoológico de Lisboa

Junqueiro, o poeta das grandes concepções, disse lapidariamente que

*...encarcerar a asa
É encarcerar o pensamento humano.*

Mas certo de que os homens não partilham desta opinião, não foi duma bôca humana que o poeta fez sair o interessante conceito: foi do bico dum melro, porque êsses, sim, os melros, os canários e os pintasilgos, devem ter sobre a nossa mania de carcereiros de animais ideias bem diferentes das que nos levam a forjar os varões das jaulas e a armar aos pássaros, nas frescas madrugadas de Junho.

Mas se os homens a tudo se habituam e se foi possível a criaturas humanas viver nos cárceres da Inquisição e da Bastilha, com os animais o mesmo ocorre e só nos não é possível afirmar-se neles a adaptação ao cativeiro é mais rápida e fácil do que entre nós. Todavia, não é necessário ser dotado de excepcionais qualidades de psicólogo de feras para surpreender nas pupilas de ouro dum leão cativo, em geral dormente e neurastênico, lampejos em

que perpassam saudades da selva espessa, em que êle foi amo e senhor. Noites cálidas, profundas de silêncio como o céu profundo em que

luzem, no veludo negro e distante, estrelinhas vagas... A vagabundagem errante dos bosques, frementes do rumor de asas que a passagem do «senhor leão» apavora e faz fugir... O fresco regato que o estio ardente fez empoçar, sob a ramaria frondosa e onde, pela noite calada, as feras vão beber e donde debandam assustadas, para que o «senhor leão» se dessedente, sôzinho e magestoso... A gazela que treme e se deixa matar com uma unhada certaíra, para que Sua Magestade sacie o seu apetite de rei... As lutas do amor, nas clareiras desertas, ferozes e violentas, enquanto a leão aguarda a vitória do mais forte... A satisfação de fazer calar a floresta ruidosa do guinchar impertinente dos macacos, só com um rugido cavo e formidável, que se impõe a tôda a bicharia como um rial decreto, a que é perigoso desobedecer... Todo êste recordar saudoso perpassa no lambejar das pupilas de ouro dum leão cativo, quando desceerra os olhos para contemplar o idílio dum guarda-republicano e duma criada de servir, que lhe param diante da jaula, no Jardim Zoológico, apeteendo-lhe a pele para um tapêto, que ficaria muito bem no seu futuro quarto de noivos e as unhas para distribuir em berloques,



«Maputo», o elefante do Jardim Zoológico de Lisboa, que morreu recentemente, por engulir as moedas que lhe davam

devidamente encastoadas, aos parentes e amigos das respectivas aldeias.

Os animais que para nosso regalo e recreio encerramos, privando-os da liberdade, sejam águias ou óstrás, cobaias ou tigres, acabam por se familiarisar (é o termo) com as pessoas que os tratam e as grades com que os separamos do convívio do género humano são mais para os defender da nossa ferocidade, do que para evitar que eles nos façam qualquer dano.

É frequente vêr-se, no Jardim Zoológico de Lisboa, um leão de magestosa presença correr pressuroso ao gradeamento da jaula para festejar, com marradinhas de gato caseiro, o tratador que lhe dá o alimento e lhe chama nomes ternos. Diante das jaulas dos leopardos, há cavalheiros, aos domingos, que não sabendo o que háo de fazer da bengala, que habitualmente não usam, se entreteem com ela a espicaçar os bichos, que dormem, estirados ao sol. Tem-se visto, então, o leopardo atingido abrir um olho sonolento, erguer-se, bocejar enfadado, distender os músculos e ir deitar-se, muito machado, fora do alcance da bengala, lançando aos espectadores da scena um olhar profundamente interrogativo, que na sua muda eloquência pergunta e estranha:

— Porque não metem numa jaula vaga este homenzinho da bengala?

O mesmo se passa com o hipopótamo, essa paradoxal «Vénus» que é um dos atractivos do Parque das Laranjeiras. Se não tivesse sempre um guarda à vista já uma pedrada certa lhe tinha partido algum dente, quando o bicho faz a sua habitual gracinha, ao mandado do tratador, de abrir a boca e quem sabe se, dada a abundância de questionadores nesta pacata Lisboa, lhe não teriam já desfeito a pele em tiras, para armar os desordeiros com rijos «cavalos-marinhos». Quem sabe mesmo se, no tempo em que o «cavalo-marinho» foi um grande argumento na política indígena, não se pensou em mobilizar a pobre «Vénus», em proveito da segurança do Estado.

Outro aspecto deprimente da nossa supremacia tirânica sobre os animais é o da amestração.

Domar, domesticar, amestrar, obrigar os bichos ao nosso serviço e pô-los em acção de nos divertir são qualidades ou defeitos, conforme o critério por que se encaram as coisas, que trazemos na massa do sangue.

Raro é o homenzinho de três palmos de altura ou a mulherzinha, que para vêr os bôlos sobre a mesa de jantar ainda tem de pôr-se em bicos de pés, que não pretendam atrelar o gato a um carrinho ou obrigar o cãozinho a fazer de boneca. Depois, no colégio, todos nós atravessámos a fase das móbicas precursoras do aeroplano, que largávamos da carteira com papelinho ligado ao corpo e que — para nos comprometer, as patifas! — em regra iam pôs sobre a calva do mestre.

Nos colégios com cêrca ou quintal, mal Abril desabrochava em flores, eram as vêsas as vítimas preferidas. Extraído o ferrão agressivo, preparada préviamente uma covinha no chão, tapada com um caco de vidraça, a vêspa ia agonisar nesse encêrro durante longos dias, des-

denhando o grão de bico, o arroz cozido e as migalhas de pão que solitamente lhe levavamos, nas horas do recreio.

Depois, já homens feitos, construído o nosso ninho, não dispensamos para o alegrar a presença das aves, com o seu colorido de penas e os seus gorgeios bem trinados. E em holocausto ao nosso egoísmo decorador e à diversão do nosso espirito, encerramos em gaiolas estreitas os pintasilgos, os canários e até os melros, para cujas gargalhadas de alegre assobiar todo o vasto espaço parece pouco. A trôco da alpista e da folhinha cresa da alface com que os presentamos, exigimos que eles sejam alegres e que cantem os louvores de quem lhes tolheu o maior bem que a

Natureza a todos concede: a liberdade. E quando eles entristecem e se cala o seu cantar, murchinhos e erriçados a um canto

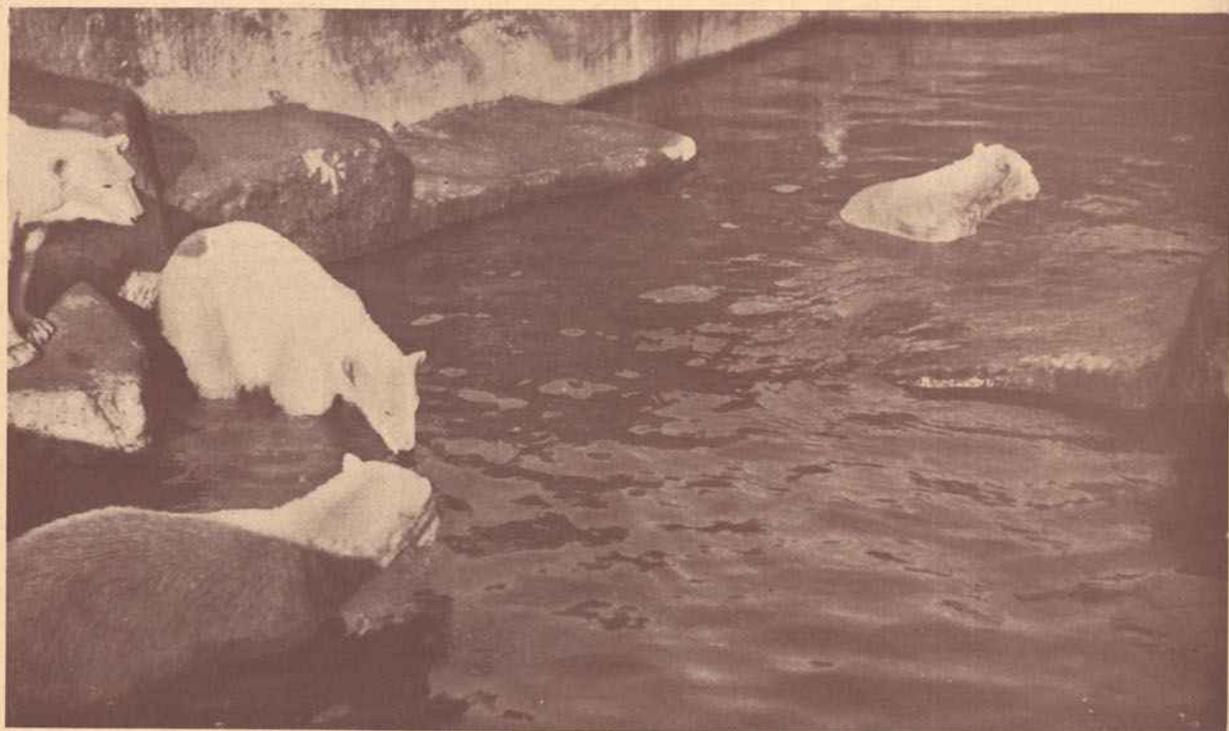


A girafa, um dos mais curiosos exemplares do Jardim Zoológico de Lisboa.

da gaiola, o nosso furor ameaça-os de os deitar a voar, como se fôsse um castigo privá-los da alpista que eles, uma vez livres, sabem muito bem procurar, sem necessidade de recorrerem à mercearia.

E os papagaios e os periquitos, pobres exilados dos países quentes, friorentos grilhetas de corrente atada ao pé, que ou fulam como oradores de comício, para nos saciar o gosto pela retórica, ou são comidos de «monstros, a que dá vontade de torcer o pescoço».

Mas como tudo é relativo neste mundo, pior do que esta situação de cativo doméstico ou de jardim de aclimação, em que o pretexto científico de ensinamento mascára a tirania do homem, é a exhibição



Os ursos brancos, do Jardim Zoológico de Roma, defendendo-se com a frescura do banho da tépida temperatura duma luminosa manhã de Janeiro.

de animais amestrados, que sustentam os amestradores e os empresários de circo, obrigados a praticar exercícios para que a natureza os não criou.

O animal que «faz habilidades» é, verdadeiramente, o escravo do homem.

Um elefante, que é imponente e magestoso, movendo a sua corpulência na lenta marcha a que o habituou a pacatez da floresta natal, é dum ridículo espantoso a fazer um pino sobre uma estreita peanha, na pista dum circo. Obrigado a levantar na tromba a domadora gentil ou o domador de bigodes frisados, o pobre bicho tem o aspecto lamentável de quem carrega um fardo injusto. E é preciso que o elefante seja um animal muito mais inteligente do que o domador para não lhe impor, pela força eloquente duma trombada, que seja ele, domador, quem o levante, a ele, elefante, na ponta do nariz, trabalho que recolheria, certamente, um êxito muito maior, só assim sendo justo que o domador partilhasse com o animal os aplausos do público.

Os cães apresentados em ginastas são comedores. Inteligentes em extremo, dão-nos a impressão de estarem convencidos da figura triste a que os obrigam e mal acaba a série de saltos mortais, que lhes impõem, correm para o seu lugar, ansiosos de que aquilo acabe, com o aspecto de quem quer perguntar as horas, para saber se ainda falta muito para terminar aquela exibição vexatória.

O cão, amigo do homem, seu guarda e seu defensor, que lhe presta tantos serviços no dia

a dia da vida, acautelando-lhe os haveres, para o que dispõe dum instinto de propriedade que os homens nunca conseguiram traduzir na letra sofismável dos códigos, o cão devia ser poupado ao suplício de adivinhar números e andar de bicicleta sob as ordens duma «miss» ou duma «madame» quaisquer, à força de chibata e pela persuasão de torrões de açúcar.

As focas, em que a inventiva humana desceobriu singulares aptidões para os jogos malabares, oferecem também um aspecto penoso, como

aleijadinhos arrastando-se sobre o tapete da pista. No seu grito rouco há a ância das frias e desoladas paragens, onde o único inimigo é o esquimó, que as aprisiona também, mas ao menos com o fim útil e justificável de comer, vestir e calçar. A foca, que a nossa imaginação vê sobre as planícies de gelo, pondo uma nota de vida na aridez desolada, num circo, às fociñhadas a uma bola, sob a luz eléctrica, alimentada a carapu de gato, é bem a vítima duma realesa que o homem exerce como uma tirania.

A imaginação humana, não se detem. Pompos, rôlas, cactuas, hienas, leões, tigres, gutos, coelhos, leopardos, escravisa-os o homem, reduzindo-os à condição de funâmbulos.

Por enquanto, só os peixes escaparam à exibição dos circos, porque não consta que algum domador mais imaginoso tenha apresentado em público um bacalhau em alta escola ou uma pescada contorsionista, ainda que pése ao inventor daquela anedota do inglês domesticador dum peixinho encarnado, ao qual foi reduzindo todos os dias a água do respectivo aquário, a ponto de o habituar a viver em seco. Infelizmente, quando o peixe já estava habituado a passear pela casa e a correr ao doce chamado de «Bibi», lembrou-se o dono de o levar, uma vez, consigo, para a beira dum rio, onde ia pescar à linha, sua distração favorita. «Bibi», irrequieto e ladino, andava a brincar na margem, quando de súbito, uma barbatana posta em falso — zás! — caiu à água. Quando o dono o retirou já era cadáver. O peixe tinha morrido afogado.



Um elefante do Jardim Zoológico de Roma

CINEMATOGRAFIA

As últimas descobertas arqueológicas no velho Egipto, sobretudo as de Lord Carnayon que dotou o mundo moderno com um faraó antigo Tut-Ank-Amon, pretexto para modas, fox-trotts, graças de revista, baillados e anedotas, esses misteriosos achados de velhíssima e esplendente civilização das margens do Nilo, sugeriu muitas dezenas de filmes curiosíssimos. Entre eles, entre os mais intensamente originais está a bela obra de arte executada sob a supervisão do genial Cecil de Mille e que o seu autor chamou «O Túmulo dos Amantes».

O jovem egíptologo, o rico e erudito Nicolas Answorth, apaixonado pelas lendas do velho Nilo descobriu um estranho túmulo que a lenda apelida de «O Túmulo dos Amantes». Inteiramente absorvido pelas pesquisas do monumental hipogeu, quasi abandona Jeanne Whippe, sua deliciosa noiva que o acompanhara às margens do Nilo.

Esta, para o arrancar a sua nova paixão, põe à prova o seu instinto feminino e, como sempre acontece nestas circunstâncias, imagina um disparate, concebendo o plano de despertar os ciúmes daquele a quem ama perdidamente. Para isso aceita a corte de um príncipe turista que afinal é apenas um aventureiro, ou melhor um cavalheiro de industria, cuja opulência provém do facto de ter descoberto uma entrada secreta da «Sala doirada» onde repousam os diamantes azuis, no túmulo gigantesco que Nicolas está revolvendo.

O plano de Jeanne começa a dar resultados e o primeiro é uma questão entre o noivo e o príncipe durante a qual aquele castiga duramente as prosápias do aventureiro. Este então, jura vingar-se.

Para isso encarrega um *fellah* que lhe é dedicadíssimo, de entrar no Túmulo dos Amantes pela passagem secreta e dinamitar a entrada principal que Nicolas acaba, finalmente de descobrir, recomendando-lhe que, logo que o jovem pesquisador entre na cripta, provoque a explosão.

Jeanne, porém, inquieta pelas ameaças que ouviu ao príncipe, vai ao palácio destes e su-

bitilmente obtém dele a confissão dos seus criminosos projectos. Depois de encerrar o príncipe no quarto, Jeanne monta a cavallo e galopa para o hipogeu monumental onde chega no instante preciso em que Nicolas, depois de ter removido a última pedra da entrada da câmara mortuária,

mesmos perigos do homem a quem ama loucamente, entra também. Mal franquearam o limiar sagrado, a máquina infernal explode e os noivos ficam sepultados vivos, visto que não conhecem a passagem secreta do falso príncipe. Vendo-se perdidos, refugiam-se no seu amor e



Jeanne Whippe, a deliciosa noiva do egíptologo, sentindo-se esquecida, planejou uma desforra...

ria, vai entrar na «Sala doirada». Grita-lhe que não entre, que fuja, mas o despreocupado Nicolas não lhe dá ouvidos entrando imediatamente. Vendo isto, Jeanne, querendo correr os

resignam-se a morrer nos braços um do outro. Então Nicolas rememora a lenda antiquíssima do «Túmulo dos amantes».

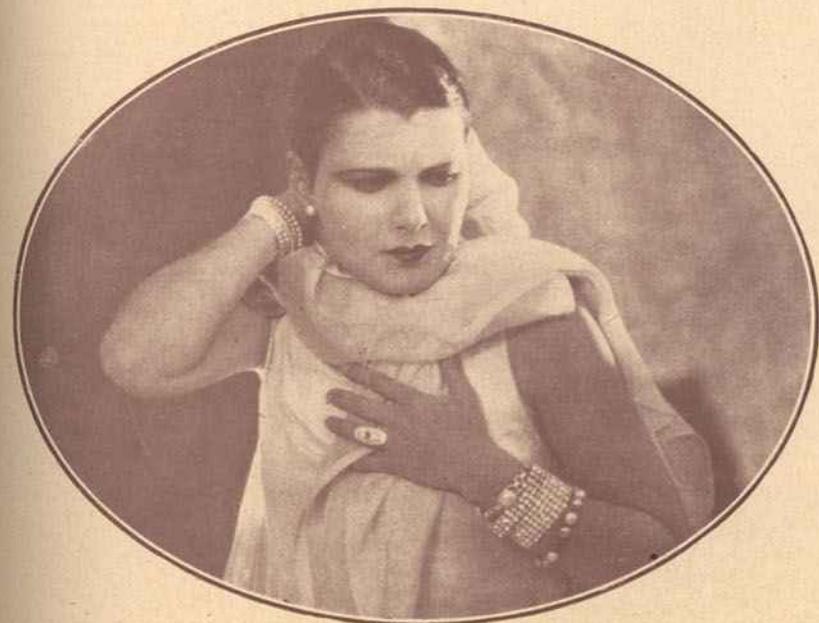
O outrora, um faraó tirânico desejara uma linda mulher de olhos em brasa e como ela amasse um esbelto barqueiro do Nilo deu-lhe a escolher entre aceitar o concubinato que lhe oferecia ou a morte, com o homem amado, na cripta sagrada. Os dois amantes não tinham hesitado e sobre eles se fechara para todo o sempre o magestoso túmulo onde morreram num beijo supremo de paixão.

A historia repetiu-se muitos séculos depois e é num beijo enorme que Nicolas e Jeanne decidem morrer. Mas a explosão atraiu as atenções de alguns amigos do egíptologo. O *fellah*, posto a tormento, confessou a felonía cometida e indicou o caminho libertador, pela passagem secreta. Por ela voltam a vida os dois apaixonados e Nicolas, aproveitando a dura lição nunca mais quis saber de hieroglifos, preferindo decifrar os enigmas profundos dos olhos de Jeanne. (Produção de P. D. C.).

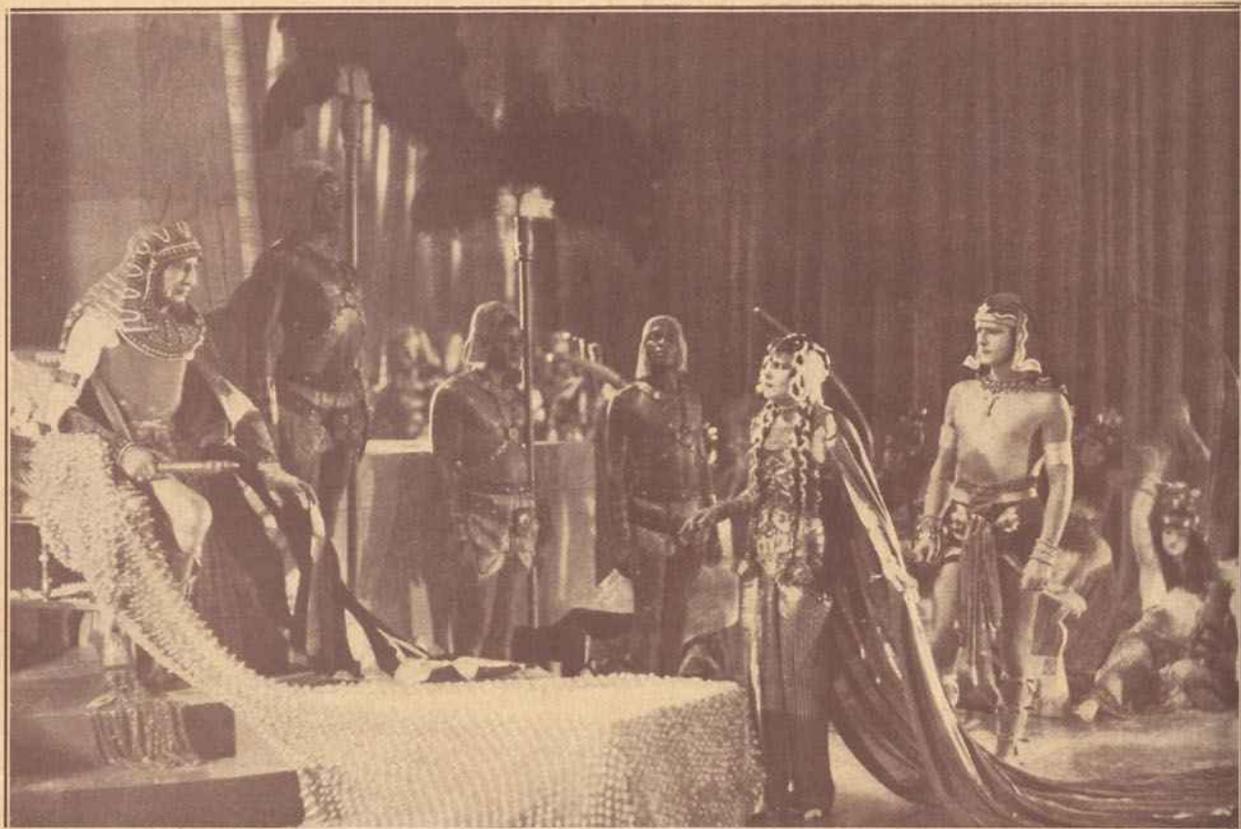
Os últimos sucessos de Paris são «La grande parade» da Metro, filme maravilhoso de King Vidor com John Gilbert e Renée Adorée, «Variétés» da U. F. A. realização de E. A. Dupont com Emil Janning's e Lya de Putti e «Le joueur d'échecs» de Henry Dupuy Mazuel, encenação de Raymond Bernard com Charles Dullin, Pierre Batcheff, Edith Jeanne, Camille Bert, Armand Bernard etc.

A casa Aubert organizou um grande concurso entre os frequentadores dos seus salões. Eis os seus resultados.

Qual o melhor filme de 1927?



A sua louca pretensão de causar ciúmes ao noivo querdo ocasionara tudo... Ugia salvar Nicolas...



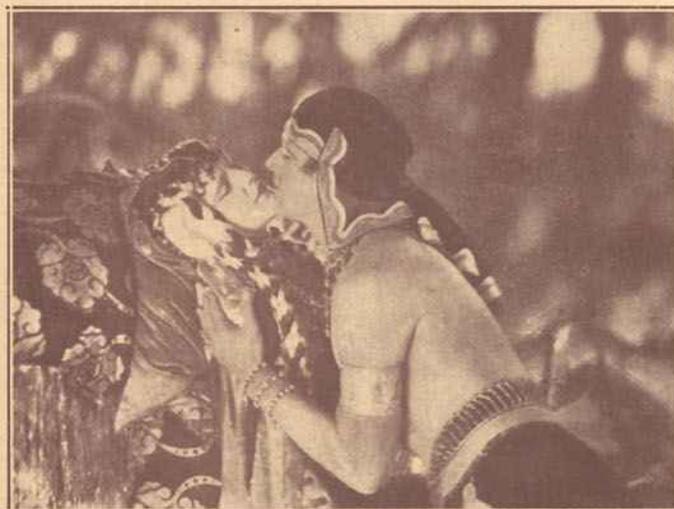
Outrora, no velho Egipto, um faraó tirânico cubiçara uma linda mulher de olhos em breza...

Em treze mil votantes, dez mil optaram por «A quimera do ouro» de Charlie Chaplin e os restantes votos foram para «Castelá do Líbano», «Salammbô» e «Filho do Cheik».

Qual o melhor artista apresentado?

vam ou não de filmes em séries. Em 12.841 votantes, 9.097 diziam «não» e queriam filmes de séries 3.747 habitués dos cinemas d' Aubert.

• • • • •



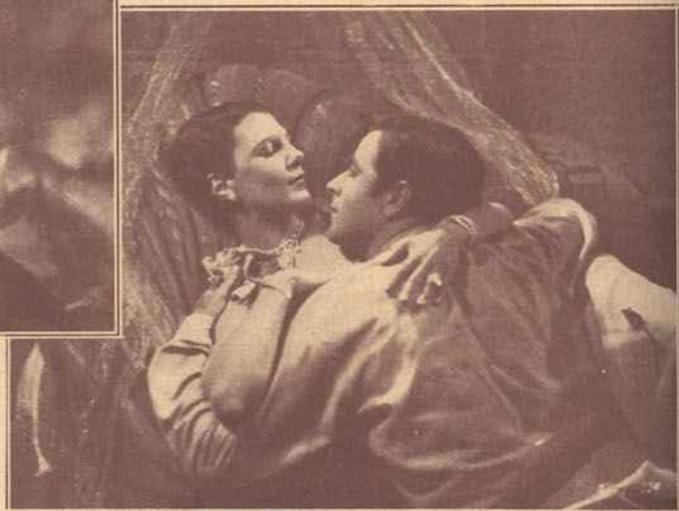
...e os amantes decidiram morrer num beijo...

Dos mesmos treze mil, uns cinco mil votaram em Valentino e depois foram votados Charlie Chaplin, Douglas Fairbanks, Adolpho Menjou e Jean Angelo.

Para as artistas, houve um sufrágio que deu a vitória retumbante à genial e encantadora Mary Pickford seguida de Gloria Swanson, Huguette Dullot, Pola Negri e Arlette Marchal.

A última pergunta visava a saber se os espectadores gusta-

Leon Poirier, o mestre encenador francês vai continuar na realização de super-documentários de arte. Depois de «La croisière noire» vamos ter «Verdun» em que será reconstituída a epopeia sublime da defesa da grande praça de guerra. Leon Poirier é na Europa, o émulo d'esse extraordinário artista Robert T. Flaherty a quem a cinematografia deve «Nanuk o esquimau» e «Moana», duas obras inexcelsas.



...tal como milhares de anos depois Nicolas e Jeanne...



SOUSA PINTO—Estio

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



CAPITULO I

«VIVEMOS RODEADOS DE POSSIBILIDADES DE HEROÍSMO»

Imagine-se a criatura mais desprovida de senso que no mundo possa existir: uma espécie de cacatua irritada, mas no fundo um excelente homem, unicamente preocupado com a sua néscia personalidade e ter-se há uma ideia do pai de Gladys, o sr. Henderson. Só a perspectiva de tal sogro me devia afastar de Gladys, se houvesse qualquer coisa que dela me pudesse afastar. Creio que ele, no seu íntimo, estava convencido de que eu ia a sua casa, nos Chestnuts, três vezes por semana, para gozar a sua companhia e especialmente para o ouvir dissertar sobre o himetalismo, assunto em que ele adquiriu a uma certa autoridade.

Nessa noite, durante cerca de duas horas, suporrei a enfadonha estopada: suplantação da boa pela má moeda, valor representativo do dinheiro, depreciação da rupia, padrões de câmbio...

—Suponha — esganiçava-se ele, num furor-zinho débil — que todas as dividas do mundo eram ao mesmo tempo evocadas e exigidas imediatamente o seu pagamento: o que aconteceria, dadas as actuais condições?

Respondi que, pelo que me dizia respeito, ficaria arruinado. Ouvindo tal resposta, saltou da cadeira, censurou a minha habitual levandade, que o impossibilitava de travar comigo qualquer discussão séria e abalou, indo vestir-se para comparecer numa reunião maçônica.

Fiquei, finalmente, só com Gladys. A hora suprema do meu destino tinha soado. Durante toda a noite eu esquivara como o soldado que aguarda o sinal que deve fixar a sua incerta sorte, alternadamente sobressaltado pela esperança do triunfo e pelo temor da derrota.

Era linda. Sentada, como eu a estava vendo, a sua silhueta destacava-se, distinta e fina, sobre um fundo vermelho e toda a sua pessoa guardava uma discreta reserva. Uma profunda amizade nos unia, mas não passava, afinal, dum simples camaradagem, como poderia existir entre mim e qualquer dos meus colegas da *Daily Gazette*, onde eu era repórter: muita franquesa, muita cordialidade e muito à vontade. Eu não gosto de que uma mulher se mostre para comigo cheia de franquesa e de despreendimento. E pouco lisongeira para um homem esta situação. O atractivo das mulheres está na sua timidez e desconfiança, reminiscência dos tempos em que o amor acumulava com violência. Uma cabeça que se baixa, uma voz que treme, uns olhos que se esquivam, um serzinho que todo se furta, constituem mais seguros indícios de paixão do que um olhar tranqüilo e uma réplica franca.

Por pouco que eu tivesse vivido ainda, tinha tido tempo de aprender estas coisas, por mim ou por intermédio dessa memória da raça, que se chama o instinto.

Gladys possuía todas as qualidades de mulher. Era um puro engano julgá-la fria e insensível. A pele, dum bronzeado suave, dum colorido quasi oriental, os cabelos dum negro de asa de corvo, os grandes olhos líquidos, os lábios tumbidos mas delicados, tudo nela denunciava a paixão interior. Mas eu estava bem convencido de não ter sabido ainda obrigá-la a exteriorisar esta paixão. Custasse o que custasse, cumpria-me nessa noite precipitar os acontecimentos e sair da incerteza em que me mantinha. Ia talvez ao

encontro dum revés, mas preferia ser repudiado, como apaixonado, a continuar a ser aceito como um irmão.

Neste ponto das minhas divagações dispunha-me a quebrar o longo e penoso silêncio, porém ela, cravando em mim os olhos negros e perscrutadores, levantou a cabeça altiva e com um sorriso cheio de censura, disse-me:

— Adivinho que vai fazer-me a sua declaração, Ned. Tanto pior. As nossas relações eram tão agradáveis!

Aproximei um pouco a minha cadeira.

— Como soube que eu ia declarar-me? — perguntei surpreendido.

— Julga que as mulheres se enganam acerca dessas coisas? Supõe que alguma já tivesse sido apanhada desprevenida? Que pena perturbar uma amizade encantadora como a nossa! Não compreende quanto há de maravilhoso no facto de um homem novo e dum mulher, também nova, conversarem a sós, como nos fazemos, sem qualquer pensamento reservado?

— Mas, Gladys, eu também posso, sem pensamento reservado, conversar a sós com... com o chefe da estação, por exemplo!

Não posso perceber que e porquê atirei para o diálogo com o nome deste funcionário, mas, enfim, estava atirado, e eu e ela largámo-nos a rir.

— Não, Gladys, o que me oferece não me basta. Quereria estreita-la nos braços, quereria sentir a sua cabeça sobre o meu peito, quereria...

Ela ergueu-se, impressionada pelo ardor da minha emoção.

— Estragou tudo, Ned. — disse ela. E é sempre a mesma historia. Sempre esse mesmo... assunto que intervem onde não é chamado! Mas porque é que o senhor não soube dominar-se? Eu invoquei a natureza, o amor.

— O amor... Sim, quando são dois a amar as coisas mudam um pouco de figura... Mas eu não sei o que é o amor.

— E, contudo, Gladys, com essa sua beleza, essa sua alma... E preciso amar!...

— E preciso, primeiro do que tudo, esperar o seu momento.

— O que é que em mim lhe desagradava? O meu físico?

Ela debruçou-se um pouco, adiantando uma mão, voltou a cabeça... Era bem graciosa assim, olhando-me de alto, sorridente e pensativa.

— Não, não é isso. Como não é presumido posso dizer-lho sem receio. Mas há qualquer coisa mais grave...

— A minha idade?

Ela afirmou que «sim», severamente, com a cabeça.

— Mas posso modificá-la, e emendar o meu modo de ser. Sente-se e conversemos. Sente-se, peço-lhe!

Ela olhou-me com um ar surpreso de desconfiança, mais doloroso do que a sua confiança de sempre.

— Vejamos, porque motivo não me ama?

— Porque amo outro.

Desta vez fui eu quem se ergueu, num salto.

— Não é um determinado individuo — explicou ela, rindo da cara que eu fiz — mas um ideal. O homem que sonho ainda o não encontrei.

— Como é que o visiona?

— Pode parecer-se consigo em algumas coisas.

— Agradeço-lhe essas boas palavras. Mas,

enfim, que faz ele que eu também não possa fazer? O que pode ser esse tal homem: membro dum sociedade de temperança, vegetariano, aeronauta, teosófo, super-homem? Não há nada que eu não esteja disposto a tentar, Gladys, bastando que me indique o que lhe agrada que eu faça ou seja.

Tanta docilidade lê-la rir.

— Em primeiro lugar, creio que o meu ideal não falaria assim. Imagino-o mais intlexível, mais difícil de ceder aos caprichos dum cabeçinha de vento. Sobretudo o meu ideal seria um homem de acção, indo ao encontro dos perigos e das proezas, sabendo encarar a morte de frente. Eu amaria nele não a sua propria pessoa, mas a sua glória, pelo que dela em mim se reflectiria. Lembre-se de Ricardo Burton: a historia da sua vida, escrita por sua propria mulher, faz-me compreender o amor que ela lhe tinha! E *Lady Stanley*! Já leu aquele admirável capitulo final do livro que ela consagrou ao marido? E um homem desta espécie que uma mulher pode adorar com toda a sua alma, porque, adorando-o, ela não se sentirá diminuída aos olhos do mundo, mas engrandecida, como inspiradora de tão nobres rasgos.

O entusiasmo tornava-a tão bela, que eu ia deixando morrer a conversa. Tive de apelar para todo o meu sangue-rio, para lhe responder:

— Nos não podemos todos ser uns Stanley e uns Burton. De resto, os pretextos faltam. Pelo menos a mim tem-me sempre falhado. So espero que algum se apresente para lhe deitar a mão.

— Pelo contrário, as boas ocasiões abundam ao nosso redor. O que caracteriza o homem de que lhe falo é o ser ele proprio quem cria os pretextos para as suas proezas. Nada o detem. Nunca o encontro, e contudo, tenho a impressão de que o conheço! Nos vivemos rodeados de possibilidades de heroísmo: nos homens compete realizar essas possibilidades e as mulheres amar os homens que as realizarem. Veja esse francês que partiu, de balão, na semana passada: o vento de tempestade que soprava não o desanimou e, arrebatado durante vinte e quatro horas, foi cair a mil e quinhentas milhas, em plena Rússia! Esse é da tal espécie dos homens que me interessam! Imagine a inveja das outras mulheres pela mulher que ele amava!

Ah! + + + + me invejada por causa dum homem é o meu sonho!

— Por seu amor eu faria, de boa vontade, outro tanto.

— Se o fizesse não seria só pelo meu amor, mas porque não teria podido deixar de o fazer, porque um instinto natural o teria compelido a isso, porque em si o herói tinha suplantado o homem! Quando, há pouco tempo, teve de fazer para o seu jornal a noticia da explosão de grisu, porque é que, desprezando o perigo da asfixia, não desceu à mina com os primeiros socorros?

— Mas eu desci.

— Não me disse nada...

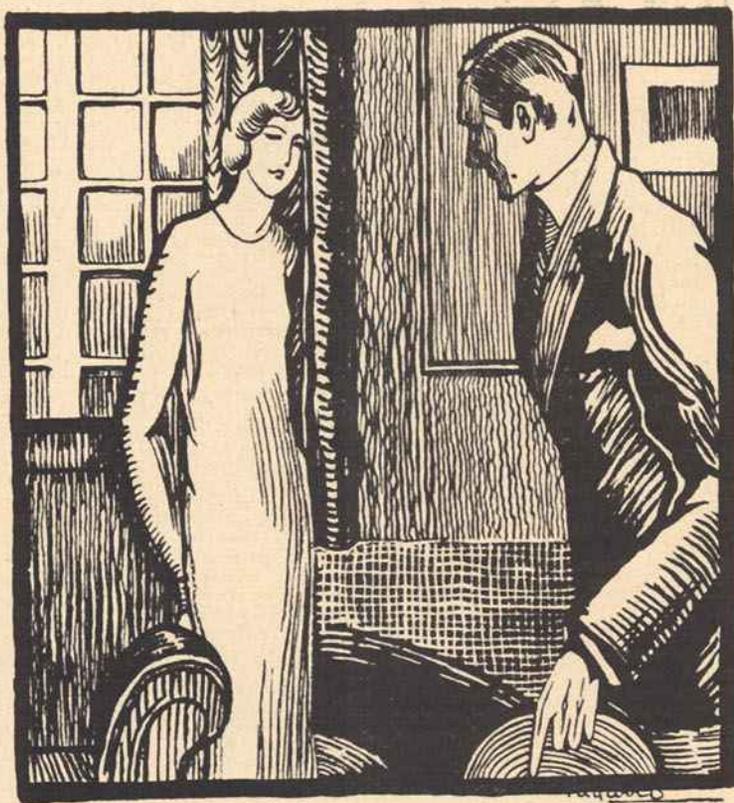
— Não via no caso grande mérito.

Pareceu-me que um certo interesse animara os olhos de Gladys.

— Mas isso revela intrepidez, — disse ela.

— Nem eu podia proceder por outra forma. Para fazermos uma boa noticia, precisamos de observar pessoalmente.

— Que prosaica justificação! Quasi despoetisa o seu feito. Mas não falemos das razões que o levaram a descer! Basta-me saber que desceu a essa mina: sinto-me satisfeita com isso.



— Voltaremos, talvez, um dia a conversar, quando tiver marcado o seu lugar na sociedade

Estendeu-me a mão com encantadora solenidade e eu, inclinando-me, beijei-lha.

— Reconheço que sou uma mulher um pouco fantasista, com imaginações de criança. Mas estas imaginações assumem em mim tal realidade, identificam-se tanto comigo, que não posso deixar de moldar por elas a minha conduta. Se eu casar, creio que só casarei com um homem célebre.

— E porque não? — exclamei. — São as mulheres, como Gladys, que arrebatam os homens até ao entusiasmo. Entusiasmou-me, Gladys. Forneça-me um ensejo e verá como o aproveito imediatamente. Ou melhor, não me forneça nada: os homens, como muito bem disse, é que devem proporcionar-se os pretextos sem os esperar de outrem. Não foi um simples empregado, Cleeve, que nos conquistou a Índia? *By George!* eu quero ter alguma utilidade cá neste mundo.

Ela riu da minha brusca efervescência irlandesa.

— Na verdade — disse ela — possuí tudo quanto um homem deve possuir: mocidade, saúde, vigor, educação, energia. Há pouco fez-me sofrer, mas agora rejubilo por a nossa conversa lhe suscitar essas ideias.

— E se eu?...

O tépido veludo da sua mão colou-se aos meus lábios.

— Nem mais uma palavra. Há já meia hora que o seu serviço da noite o reclama. Eu não tinha coragem para lho fazer lembrar... Voltaremos, talvez, um dia a conversar, quando tiver marcado o seu lugar na sociedade.

E foi assim que por uma brumosa noite de novembro eu me encontrei, a correr, junto do tramway de Camberwell. O coração batia-me de ansiedade. Não, o dia seguinte não acabaria sem me ter sugerido uma façanha digna da minha dama! Mas quem poderia imaginar que esta façanha seria tão inverosímil e determinada por um tão singular concurso de circunstâncias?

Não gostaria que se fizesse a este primeiro capítulo a acusação de ser inútil. E é ele que predomina em toda a minha história. Quando um homem chega a sentir ao seu redor mil pos-

sibilidades de heroísmo e no coração o desejo violento de realizar uma delas, seja qual for, é só então que rompe, como eu, com o banal ram-ram da existência para entrar na misteriosa e maravilhosa região, onde o esperam os grandes perigos e as grandes recompensas. Ao chegar à redacção da *Daily Gazette*, onde eu era um elemento insignificante, ia na firme resolução de encontrar, nessa mesma noite, uma empresa conforme os desejos da minha Gladys. A dureza de alma e o egoísmo que ela manifestara, ao pedir-me que sacrificasse a minha vida pela sua glória, poderiam fazer-me reflectir, se eu não estivesse possuído do entusiasmo dos vinte e três anos e da febre dum primeiro amor.

CAPÍTULO II

«POIS TENTE A SORTE
COM O PROFESSOR CHALLENGER»

Eu sempre simpatisara, no meu jornal, com o chefe da secção do noticiário, Mc. Ardlie, um + + + + + rabujento, de costas aballadas e cabelo ruivo e esperava também não lhe ser antipático. O verdadeiro patrão, o director, era Beaumont, mas vivia num isolamento olimpico e nenhum de nós era admitido ao seu convívio, a não ser que se fosse portador duma notícia muito importante: scisão no ministério ou grave crise internacional. Só lá de vez em quando o viamos penetrar no seu santuário: passava por nós, solitário e magestoso, o olhar vago, o espírito absorto nos Balkans ou no Golfo Pérsico. Pairava sobre nós todos e de muito alto. Só conhecíamos Mc. Ardlie, que o representava perante as nossas pessoas. Quando entrei no gabinete, onde Mc. Ardlie se encontrava, ele cumprimentou-me, inclinando levemente a cabeça e erguendo os olhos para a calva.

— Muito bem... parece-me que o sr. Malone se vai saindo menos mal de dificuldades. — disse-me, com o seu sotaque escossês, transparecendo benevolência.

Agradecei-lhe.

— Aquella sua notícia da explosão de grisu

estava completa. A do incêndio de Southwark já era excelente. O senhor tem jeito. Mas queria falar-me, julgo eu?

— Tenho um favor a pedir-lhe.

Os seus olhos inquietos deixaram de fitar-me.

— Ah, sim! E de que se trata?

— Trata-se de ver se não haveria uma missão que me pudesse ser confiada, em nome do jornal. Eu tudo faria para bem a desempenhar e para poder enviar-lhe um relato interessante.

— Mas a que espécie de missão quer o senhor referir-se, Malone?

— A uma missão qualquer, contanto que nela haja aventura e perigo. Garanto-lhe que a desempenharia conscientemente. Quanto mais difícil ela fôsse mais me conviria.

— O senhor tem empenho em arriscar a vida?

— É para ter uma razão de viver!

— Que entusiasmo, sr. Malone! Infelizmente, receio que os tempos propícios a semelhantes empresas tenham há muito acabado. Uma missão especial raramente dá resultados apreciáveis, relativamente às despesas que ocasiona e, em todo o caso, nunca se confia senão a um homem com experiência e cujo nome inspire confiança ao público. As grandes regiões virgens vão a pouco e pouco desaparecendo do *mapa-mundi* e já não há, em parte alguma, lugar para um bocado de romanesco. Mas, espere lá — exclamou, com um sorriso a iluminar-lhe o rosto. — Ao falar-lhe das grandes regiões desconhecidas, acudiu-me uma ideia. Que diria o senhor, se eu o encarregasse de confundir um impostor, um moderno barão de Munchhausen e de o cobrir de ridículo? A sua missão consistiria em provar que é mente. O caso, meu amigo, não deixaria de ter a sua beleza... Que lhe parece?

— Estou pronto para o que quiser, onde e como quiser.

Mc. Ardlie reflectiu um minuto.

— A questão — disse por fim — é saber se o senhor poderá entender-se — ou até simplesmente falar — com o nosso homem. Mas o senhor parece ter uma espécie de condão para se impor às pessoas: dom de simpatia, poder magnético, efeito da vitalidade juvenil ou qualquer coisa parecida, suponho eu. Pelo que me diz respeito, tenho dessa sua qualidade uma impressão muito nitida.

— E muito amável...

— Pois tente a sorte com o professor Challenger!

Não dissimulei a minha surpresa.

— Challenger? — exclametei eu — o professor Challenger, de Enmore Park? O famoso zoólogo? Não é aquele que partiu a cabeça ao Blundell, do *Telegraph*?

O chefe esboçou um sorriso.

— Esse facto assustou-o? Não me disse que procurava aventuras?

— Ai está uma, com efeito!

— Exactamente. De resto, não suponho que ele leve sempre a sua violência tão longe. Blundell, sem dúvida, o tratou mal ou não soube tratar com ele. O senhor pode ter mais sorte ou mais tacto. Seguramente, desse encontro resultará qualquer coisa no género que o senhor me indicou.

— Mas eu nada conheço a respeito de Challenger. Sómente me recordei de ter visto, a propósito de Blundell, o seu nome citado em policia correccional, por pancadas e ferimentos.

— Escute uma coisa, senhor Malone: não é só desde hoje que o professor me interessa e que o trago debaixo de olho.

Tirou um papel duma gaveta.

— Aqui tem a «ficha» d'ele. Vou resumir-lha:

«Challenger, Jorge Eduardo. Nasceu em Largs (norte de Inglaterra) em 1803. Aluno da Academia de Largs, Universidade de Edimburgo. Adjunto do Museu Britânico em 1802. Conservador adjunto do serviço de antropologia comparada em 1803. Resignou as suas funções no mesmo ano, em seguida a algumas cartas acriminosas. Detentor da medalha Crayston, prémio de investigações zoológicas. Sócio correspondente de... (um rolzário de nomes, muitas linhas em caracteres miúdos, mas só sociedades de segunda ordem: Sociedade Belga, Academia das Ciências de la Plata, etc., etc.). Publicou: *Algumas observações sobre uma série de crânios Kalmuks; Esboços da evolução vertebrada* e numerosos artigos, um dos quais, *As mentiras*

do weissmannismo, provocou uma discussão tempestuosa no Congresso Zoológico de Viena. Recreação: marcha, excursões às montanhas. Direcção: Enmore Park, Kensington, W.»

— Aqui tem, tome lá. Julgo que, por hoje, não temos mais nada a dizer um ao outro.

Meti o papel no bolso.
— Perdão. — insisti eu ao aperceber-me de que tinha diante dos meus olhos não já um rosto, mas uma cabeça calva — parece-me ter entendido que se trata de entrevistar este sujeito. Mas a propósito de quê?
No mesmo instante vi reaparecer o rosto de Mc. Ardle.

— Partiu sozinho, em exploração, há dois anos, para a América do Sul. Regressou no ano passado. Recusou indicar precisamente a região explorada. Começou a fazer um vago relato da sua viagem quando, por motivo duma objecção que lhe levantaram, voltou a fechar-se na sua concha. Ou foi herói duma aventura bem pouco banal ou então, e é o que parece mais provável, não passa de um refinado mentiroso.

Trazia consigo algumas fotografias deterioradas, que se julga serem falsas. Tornou-se irritável a ponto de se atirar a quem quer que o interrompia e de fazer descer de escantilhão a escada aos jornalistas, que o procuram. Megalomano homicida sob aparência científica. Não sei mais nada importante, senhor Malone. Vá e dê-me conta do resultado. O senhor tem corpo bastante para impor respeito. Em todo o caso, o jornal protege-o: lei da responsabilidade patrimonial nos accidentes no trabalho.

O erário orlado de pequeninas farripas louras tinha novamente substituído o rosto risonho e corado. Estava terminada a palestra.

Sai, dirigindo-me para o Savage-Club, mas, em vez de entrar, encostei-me à balaustrada de Adelpi-Terrasse e quedei-me pensativamente a contemplar a corrente oleosa e negra do Tamisa. Sob a influência do ar livre as ideias acudiram-me mais nitidas e precisas. Peguei no papel, que Mac. Ardle me tinha dado, li-o à luz dum arco voltaico e tive uma inspiração. Eu sabia que, para abordar o terrível professor, não podia contar com a minha qualidade de jornalista, mas talvez que a sua violência, a que por duas vezes aludia a biografia sumária de Challenger, não passasse de simples fanatismo de sábio. E como sábio não seria ele acessível? Era o que me dispunha a experimentar.

Entrei no Club, quando davam onze horas. A grande sala começava a encher-se. Num *fauteuil*, junto do fogão, estava um homem alto, delgado, seco e anguloso. Feliz encontro. Eu conhecia-o: era Tarp Henry, da redacção da *Nature*, a amabilidade em pessoa. Preguntei-lhe a queima roupa:

— O que é que sabe a respeito do professor Challenger?

— Challenger? Franzio os sobrolhos.
— Challenger é um individuo que, tendo partido para a América do Sul, voltou de lá com uma historia fantástica e complicada.

— Mas que historia é essa?
— Pretendia ele ter descoberto os mais estranhos animais. Depois, parece-me, confessou publicamente a sua mentira ou, pelo menos, calou-se. Entrevistado pela Agência Reuter, as suas declarações levantaram uma tal celeuma que ele julgou inútil insistir num assunto, que acabaria por desacreditá-lo perante os colegas. Tendo aparecido uma ou duas pessoas dispostas a tomá-lo a sério, ele próprio depressa as desencorajou.

— Como arranjou ele isso?
— Com a sua intolerável grossaria e as suas maneiras impossíveis. Posso citar-lhe, entre outros, o caso que se deu com o velho Wadley, do Instituto Zoológico. Wadley tinha-lhe enviado um convite, concebido nos seguintes termos: «O presidente do Instituto Zoológico apresenta os seus cumprimentos ao professor Challenger, considerando um favor dispensado à sua pessoa o dignar-se dar-lhe a honra, a si e aos seus colegas, de assistir à próxima sessão». A resposta não pode, por decência, publicar-se.

— Mas pode dizer-se?
— Vou resumir-lha: «O professor Challenger apresenta os seus cumprimentos ao presidente do Instituto Zoológico, considerando um favor pessoal que ele se digne ir para o diabo que o carregue».

— Apre!

— Estou a vêr a cara do destinatário. Parece-me ainda ouvir o pobre Wadley a gemer, ao abrir a sessão: «Cincoenta anos de relações científicas... Não podia conformar-se».

— Conhece mais alguns pormenores acêrca de Challenger?

— Como sabe, sou bacteriologista. Habito, por assim dizer, dentro dum microscópio. Mal olho para o que se vê a olho nu. Vivo na fronteira extrema do cognoscível e sinto-me completamente expatriado, sempre que saio do meu laboratório para me aproximar dos meus semelhantes, entes desmesurados e grosseiros. Sou um espirito bastante desprendido para me ocupar a dizer mal da vida alheia, todavia tenho ouvido falar de Challenger nos meios científicos: é um homem que não pode considerar-se como um desconhecido: inteligente quanto é possível sê-lo e dotado duma energia e duma vida que o tornam numa espécie de bateria eléctrica, no máximo da carga, mas, por outro lado, intolerante, sujeito a ideias fixas e falho de escrúpulos. Pois neste caso da América não chegou até o ponto de falsificar fotografias?

— Disse-me que ele era sujeito a ideias fixas: um exemplo:

— Há mil exemplos! O mais recente dêles foi de tal ordem, que desencadeou um grande tumulto em Viena, a propósito de Weissmann e do evolucionismo.

— Em que circunstâncias se produziu?

— Não me recordo bem. Mas nós temos lá no jornal, em inglês, a acta da sessão. Quer dar-se ao incomodo de vir comigo?

— Com todo o prazer. Tenho que entrevistar o professor e procuro um meio de o abordar. Muito grato lhe fico pelo seu amável auxilio. Acompanho-o ao seu jornal.

Uma hora depois, achava-me sentado na redacção da *Nature*, diante de um grosso volume. O artigo que eu estava consultando — «Weissmann contra Darwin» — tinha este sub-titulo: «Vivos protestos em Viena. Uma sessão tumultuosa». A insuficiência da minha educação científica não me permitia seguir a discussão, mas nem por isso deixei de notar que o professor inglês, com a sua attitude agressiva, tinha indisposto violentamente contra si os seus confrades do continente: os três primeiros parêntesis que me saltaram aos olhos foram estes — «Protestos», «Ruidos», «Reclamações unânimes». Todo o resto do artigo era, para mim, como se estivesse escrito em chinês.

— E chama-se a isto uma tradução em inglês? — disse eu para o meu colega. — E como se estivesse a ler o original.

— Com effeito, é um tanto obscuro para um profano.

— Se ao menos pudesse encontrar uma frase qualquer donde deduzisse uma ideia, já me contentava! Mas, precisamente... cá está uma... sim, parece-me que encontrei uma mais inteligivel. Vou copiá-la, porque me fornece ensejo para abordar o assunto.

— Em que mais posso ser-lhe útil?

— Um momento! Eu queria escrever ao terrível professor. Se me permitisse redigir a carta aqui mesmo, no papel timbrado do seu jornal, era magnifico, porque me daria uns certos ares.

— E Challenger viria por aí, imediatamente, fazer um barulho de deitar tudo abaixo.

— Não! Verá que a carta nada terá de provocador. Garanto-lhe.

— Então tem aí a minha cadeira e a minha meza, onde há de haver papel. Mas fica entendido que terei todo o prazer em deitar uma vista de olhos à carta, antes de a levar.

Atirei-me à tarefa. A minha exposição, ousado confesso-lho, revelava finura e por isso foi com uma certa vaidade de autor que a li ao meu amigo bacteriologista:

«Meu caro sr. professor Challenger: Não passo de um modesto curioso das leis naturais. Tenho sempre tomado o mais vivo interesse pelas suas especulações sobre Darwin e Weissmann. Ainda há pouco tive ensejo de refrescar a minha memoria relendo...»

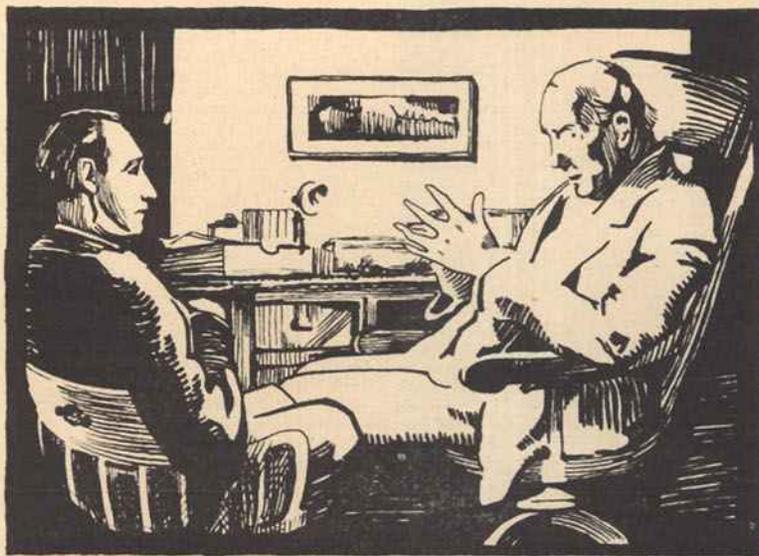
— Grande impostor! — murmurou Tarp Henry. ... relendo a sua magistral comunicação de Viena. Esse documento, de uma admirável lucidez, parece-me ter resolvido, definitivamente, a questão. Permita-me, porém, que reclame a sua atenção para uma das suas frases. Diz o senhor: «Protesto com tôdas as vêras contra essa afirmação exorbitante e completamente dogmática de que cada *id* é um microcosmo possuidor de uma architectura historica lentamente elaborada através das gerações.» Não lhes parecem categoricos de mais estes termos? Não lhes encontra nada que deva emendar ou verificar? Se mo permitisse, solicitar-lhe-ia o favor de uma entrevista, porque o assunto interessa-me a valer e pretendia apresentar-lhe de viva voz algumas ideias pessoais. Contando desde já com o seu assentimento, espero ter a honra, de visitá-lo depois de amanhã, quarta-feira, ás 11 horas. Creia-me, meu caro senhor, muito respeitosamente e sinceramente seu, etc. — Eduardo D. Malone».

— E então? — perguntei eu, triunfante.
— Então, uma vez que isso não repugna à sua consciência...

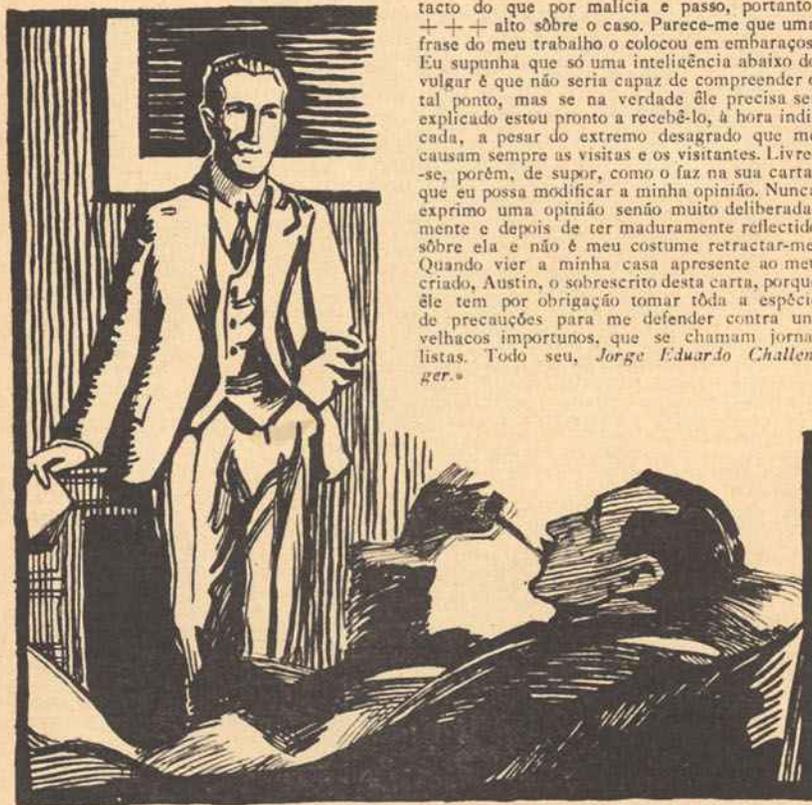
— A minha consciência nunca teve nada a censurar-me.

— O que tenciona fazer?

— Visitar Challenger. Logo que me apanhe em casa dêle hei de encontrar um meio de entabular conversa. Em caso de necessidade, con-



— Não me disse que procurava aventuras?



— Acaba de descobrir-se um medicamento qualquer, superior à arnica, para pensar, contusões

fesso-lhe o meu ardil. Se Challenger aprecia os ardis, deve ficar delirado.

— Parece-lhe? Pois tome cautela não se volte o feitiço contra o feiticeiro. . conveniente levar vestido um bom fato americano de foot-ball ou uma cota de malha. Até à vista. Se ele se dignar responder, terá cá a resposta, à sua disposição, na quarta-feira, de manhã. Challenger é um homem violento, perigoso, intratável, detestado por quantos dêle se aproximam e combatido pelos sábios até ao ponto em que ele lhes permite essas audácias. Talvez para si, Malone, tivesse sido melhor nunca ter ouvido falar de Challenger!...

CAPÍTULO III

«UMA CRIATURA IMPOSSÍVEL»

Os acontecimentos não justificaram os receios do meu amigo, ou, melhor dizendo, as suas esperanças. Quando, na quarta-feira, cheguei nos escritórios da *Nature*, lá encontrei um sobrescrito com o carimbo de West Kensington e o meu nome escrito com umas letras, que pareciam feitas de arame farpado. A carta continha as linhas seguintes:

«*Enmore Park, W.*— Senhor: Recebi a sua carta pela qual vi que se propõe defender alguns dos meus pontos de vista. As minhas opiniões não precisam ser defendidas nem pelo senhor, nem por ninguém. O senhor atreve-se a qualificar de «especulações» as minhas declarações sobre o darwinismo e eu devo fazer-lhe notar a grave inconveniência que resulta da aplicação de tal palavra a semelhante assunto. Contudo, toda a sua carta me prova que o senhor pecou mais por ignorância e falta de

tacto do que por malícia e passo, portanto, + + + alto sobre o caso. Parece-me que uma frase do meu trabalho o colocou em embarços. Eu suponho que só uma inteligência abaixo do vulgar é que não seria capaz de compreender o tal ponto, mas se na verdade ele precisa ser explicado estou pronto a recebê-lo, à hora indicada, a pesar do extremo desgastado que me causam sempre as visitas e os visitantes. Livresse, porém, de supor, como o faz na sua carta, que eu possa modificar a minha opinião. Nunca exprimo uma opinião senão muito deliberadamente e depois de ter maduramente reflectido sobre ela e não é meu costume retractar-me. Quando vier a minha casa apresente ao meu criado, Austin, o sobrescrito desta carta, porque ele tem por obrigação tomar toda a espécie de precauções para me defender contra uns velhacos importunos, que se chamam jornalistas. Todo seu, *Jorge Eduardo Challenger.*»

Dei conhecimento desta carta a Tarp Henry, que ainda chegou a tempo de conhecer o resultado da minha tentativa. Disse-me, simplesmente:

— Acaba de descobrir-se um medicamento qualquer, superior à arnica, para pensar contusões.

Eram quasi dez horas e meia quando recebi a carta. A hora exacta, marcada para a entrevista, apeak-me dum cab taximetro, diante dum prédio cujo portal magestoso e as sumptuosas cortinas das janelas atestavam que o tremendo professor estava bem instalado na vida. Abriu-me a porta um individuo estranho, trigueiro, sêco, idade indefinida, vestindo um casaco de pano grosso e polainas de coiro amarelado. Soube depois que era o *chauffeur*, que se encarregava das substituições sempre que algum criado se despedia. Mediu-me com o olhar, de alto a baixo e perguntou-me:

— O senhor é esperado cá em casa?

— Tenho uma entrevista marcada.

— A sua carta?

Mostrei-lhe o sobrescrito.

— Está bem!

Parecia-me pouco falador. Ia seguindo atrás dele, pelo corredor, quando duma casa, em que reconheci a sala de jantar, bruscamente me saiu à frente uma senhora baixinha, de rosto irrequieto e vivo, os olhos negros, tipo mais francês do que britânico.

— Um momento, senhor—disse-me ela.— Permita-me que lhe faça uma pergunta: já alguma vez se encontrou com meu marido?

— Nunca tive essa honra, minha senhora.

— Então deixe-me apresentar-lhe antecipadamente as minhas desculpas. É um ente impossível, completamente impossível. Previno-o disto para que tome cuidado.

— Muito obrigado, minha senhora.

— Logo que o veja encolerizar-se não fique no gabinete, nem perca tempo com explicações. Já outros tem tido motivos para arrender-se por não terem procedido assim. De cada vez que se dá um caso desses, resulta um escândalo que se reflecte em mim e em toda a gente. O senhor não vem tratar daquele caso da América do Sul?

Era-me impossível mentir a uma senhora.

— Ai de mim! Mas esse é o maior perturbador de todos os assuntos! Meu marido vai contar-lhe coisas em que o senhor não acredita, o que eu, de resto, compreendo muito bem. Não o contradiga, porque é isso que o enfurece. Finja acreditar no que ele diz e tudo decorrerá bem. Lembra-se de que ele próprio acredita em tudo quanto afirma e disso pode o senhor estar certo, porque não há homem mais honesto do que ele. Não o retenho por mais tempo, porque ele pode desconfiar. Se ele se tornar perigoso, verdadeiramente perigoso, toque a campainha e aghente-o até que eu chegue, porque mesmo nos seus piores momentos tenho sobre ele um certo domínio.

Tendo proferido estas encorajantes palavras, entregou-me aos cuidados de Austin, que estava à espera, mudo e quêdo, semelhante a estátua da Discreção. Austin conduziu-me até uma porta, ao fundo do corredor e bateu. Respondeu-lhe de dentro um mugido de touro e achei-me em presença do professor Challenger.

Estava sentado numa cadeira giratória, diante duma grande meza cheia de livros, de mapas e de diagramas. Quando entrei, fez girar a cadeira de forma a poder encarar-me. O seu aspecto estarrecer-me. Estava já preparado para deparar um ente estranho, mas não contava encontrar pela frente um homem assim formidável. Tudo nêle impressionava: a estatura, o ar grave, a cabeça enorme, a maior cabeça que tenho visto encimando um corpo humano, tão grande que se eu experimentasse na minha cabeça o chapêu dêle, ficaria-me-ia enterrado sem esforço até aos ombros. Tinha uma destas caras que, para mim, evocam a ideia dum touro assirio: vermelha e ornada duma barba dum negro azulado, que lhe rolava em ondas sobre o peito. O cabelo, um cabelo bem pouco comum, descia-lhe sobre o maço frontal num bandô corredio. Os olhos, dum pardo azulado, muito claros sob as espessas sobrancelhas sombrias, tinham uma agudeza imperiosa e perscrutadora. Uns ombros largos, um tronco bojudo como um tonel, umas mãos de colosso ericadas dum pêlo denso, era quanto da sua pessoa eu tinha à vista, porque o resto do corpo estava oculto pela meza. A sua voz de trovão contribuía para completar o efeito que, à primeira vista, me produziu o professor Challenger.

— E então, o que há? — perguntou êle, examinando-me com insolência.

Tive que dissimular a minha surpresa, sob pena de a entrevista ter de ficar por ali.

— O senhor dignou-se conceder-me uma entrevista — disse eu, humildemente, apresentando-lhe o sobrescrito da carta, de que êle se apposou, pondo-o na sua frente, sobre a meza.

— Ah! sim... O senhor é aquele rapazote que não percebe bem o inglês. O senhor, segundo me parece, descende em aprovar as minhas conclusões gerais?

— Completamente, meu caro senhor, completamente! — declarei.

— Não haja dúvida! Isso há-de contribuir muito para dar força às minhas opiniões, não acha? O senhor traz-me então o reforço da dupla autoridade, que lhe provém do seu aspecto e da sua idade, não? O que não quer dizer que o senhor não valha mais do que todos êsses cevados de Viena, cujo côro de grunhidos me ofende tanto como o ronco isolado dum suino inglês.

— A maneira por que êles se conduziram parece-me abominável... — disse eu.

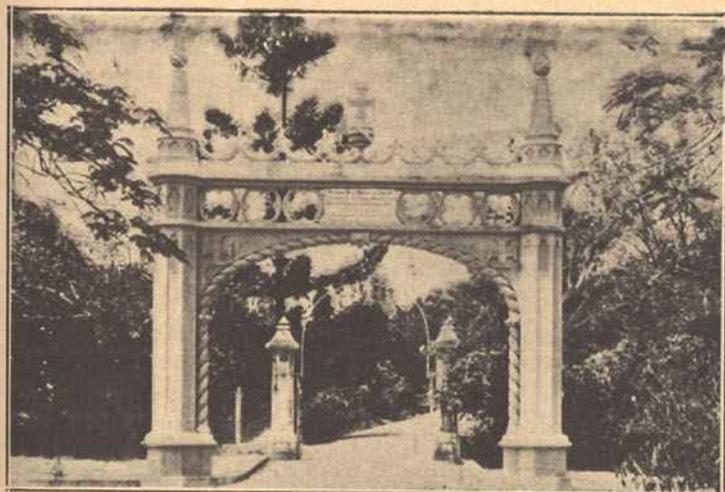
(Continua.)

Ver, na página 38, as condições e prêmios do nosso concurso do romance

O MUNDO PERDIDO

PORTUGAL
D'ALEM MAR

LOURENÇO MARQUES



Entrada principal
do jardim Vasco da Gama



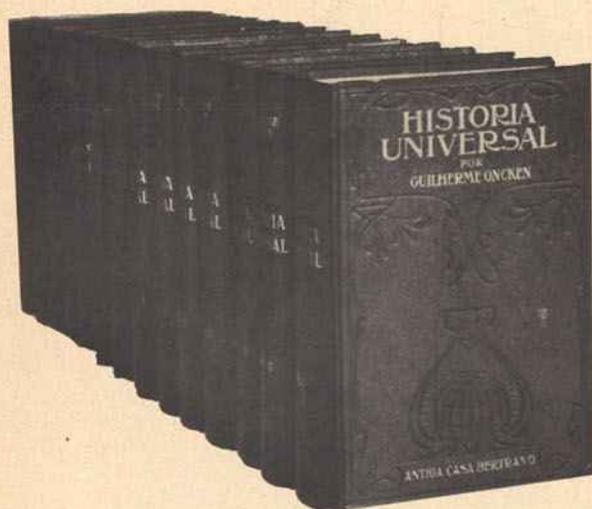
Um trecho do jardim Vasco da Gama



Um trecho do rio «Um be luzi»

O NOSSO CONCURSO

EM QUE CONSISTE



História Universal, de Guilherme Oncken.
1.º prêmio do nosso concurso

Durante a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

obra de mais alto interesse, algumas palavras serão substituídas no texto por cruzetas (+ + + + +), em número igual ao das letras que substituem. Trata-se de reconstituir, pelo sentido da frase a palavra substituída.

Essas palavras, juntas, formarão dois provérbios dos mais conhecidos e usuais.

Exemplo: Os + + + + +, esses formosos animais domésticos, quando chega a + + + + + apresentam fosforescentes os olhos que + + dia são + + + + + e sem grande expressão. Entre + + + + + os animais domésticos + + + eles + + únicos que possuem a faculdade de ver nas trevas.

Temos pois: Os *gatos*, esses formosos animais domésticos, quando chega a *noite* apresentam fosforescentes os olhos que *de dia* são *pardos* e sem grande expressão. Entre *todos* os animais domésticos, *são* eles *os* únicos que possuem a faculdade de ver nas trevas.

Palavras reconstituídas pelo sentido: *gatos, noite, de, pardos, todos, são e os*.

Colocadas na devida ordem, dão o conhecido provérbio: «*De noite todos os gatos são pardos*».

Simple e intuitivo.

IMPORTANTE: No texto do romance, as palavras a reconstituir não sairão pela ordem que ocupam na frase que devem formar.

COMO SE CONCORRE

Em cada número da «ILUSTRAÇÃO», durante a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

será publicado um *coupon* numerado, que acompanhará o boletim do concorrente, que publicaremos com o último *coupon*.

Os prêmios não serão sorteados, mas atribuídos aos concorrentes que indicarem o número mais aproximado de soluções certas que lhes pareça ou palpite que devem ser-nos enviadas.

Exemplo: foram-nos enviadas 8325 soluções. O concorrente A, indica, como seu palpite: 8360 soluções, o concorrente B, indica 8300 e o concorrente C, 8250. Os prêmios seriam atribuídos: 1.º a B. (8325 — 25) 2.º a A. (8325 + 35), 3.º a C. (8325 — 75).

PRAZO DE ENTREGA

Para que os nossos assinantes e leitores da África, Ásia e América, possam concorrer, o prazo de entrega dos boletins do concurso, será de

3 MESES

contados da publicação do número em que termina a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

• • •

OS PRÉMIOS

1.º PRÊMIO

História Universal de Guilherme Oncken, em 20 vols. (16 publicados e 4 em publicação) encadernação de luxo.

2.º PRÊMIO

Colecção de Teófilo Braga.

3.º PRÉMIOS

- a) *Obras completas de Alexandre Herculano:*
20 vols., encadernação em carneira.
- b) Edição monumental dos *Lusíadas*.
- c) Edição monumental das *Pupilas do Sr. Reitor*.
- d) 70 Vols. de Camilo (ed. da Parceria A. M. Pereira).

4.º PRÉMIOS

2 Colecções de Eça de Queiros.

5.º PRÉMIOS

2 Colecções *Lusitânia* (40 vols.)

6.º PRÉMIOS

- 2 Colecções Antero de Figueiredo.
- 2 » Aquilino Ribeiro.
- 2 » Dicionários de Cândido de Figueiredo.
- 2 » Dicionários de Domingos de Azevedo.

Mais 50 prêmios de 100.000 em obras escolhidas nos catálogos das livrarias Aillaud e Bertrand.

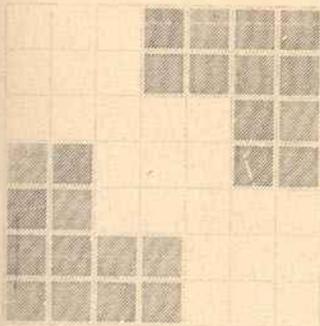
Mais 40 prêmios de 50.000, idem, idem.

Valor total 15.000.000.

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



F F I I I
M M M R R
R R R O O
O O O U U
Z Z A A S

Definições:

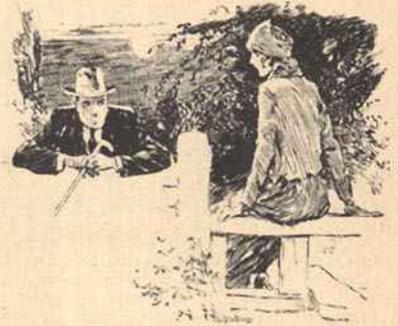
Grande porção. — Habitante da Mauritania. — Cidade à entrada do golfo Pérsico. — Interjeição que significa cansaço ou admiração. — Abundantemente. — Interjeição que significa pancada. — Termo final. — Peixe.

A ÚNICA MANEIRA

O advogado: — Mas não lhe parece que será ir muito longe? Porque é que se quer divorciar de sua mulher?

O cliente: — Então! não me posso divorciar da minha sogra, pois não?

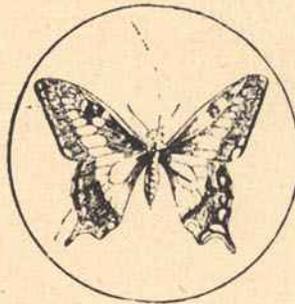
Entre pintores:
— O Rodolfo fez uns trabalhos extremamente realistas, não é verdade?
— É; o outro dia pintou êle uns ovos e via-se perfeitamente que estavam pódres.



Tia: — Não; tenho muita pena, mas serei para si uma irmã.
Ele: — Perdão, irmãs tenho eu muitas: o que eu precisava era de uma mãe.

A BORBOLETA

(Solução)



Tinha, simplesmente, de se traçar sobre o nosso desenho, uma circunferência dividida por meio de um compasso, em seis partes iguais e simétricas; depois, era necessário recortar seguindo as curvas, essas seis partes e chegava-se assim a reconstituir a borboleta como a gravura acima indica.

DURAÇÃO GARANTIDA

— O último canário que comprei só viveu dois meses. Um outro morreu em menos tempo ainda. Assim, não consigo ter o valor do meu dinheiro.

— Se a senhora experimentasse comprar uma tartaruga? — lembrou o atencioso comerciante. — Essa dura-lhe ai uns quatrocentos anos.



Vêm-se neste baile mais seis mascarados. Aonde?

A tia rica: — Sabes, Alfredo, vou fazer o meu

testamento. Creio que te vou deixar — (pausa).

O sobrinho (ansiosamente):

— O quê, tia?

A tia: — Em breve.

Não se perdiam de todo:

Passageiro assustado: — Teem-se perdido algumas pessoas neste rio?

Barqueiro: — Ah! não senhor, a gente sempre as encontra passado um ou dois dias.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 28.º número)



OS TREZE DISCOS

(Passatempo)



Recorrem êstes 13 discos e coloquem-os de modo tal que o desenho que representem tenha uma forma absolutamente simétrica.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS ORAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM JANEIRO DE 1927

LITERATURA

ALVES (RAFAEL) — *Vai alta a lua ou uma Tragédia em Barrónhos*. Trag.—comédia de capa (de borracha) e espada, 34 p. 8.^o c. capa il.—3550.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *A Catedral*. (Romance). Trad. de Vasco Valez. 4.^a ed., 338 p. 8.^o c. capa il.—10500.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *A Cortejã de Sanguento*. Trad. de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, 3.^a ed., 331 p. 8.^o c. capa il.—10500.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Jesuitas*. Trad. de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, 3.^a ed., 340 p. 8.^o c. capa il.—10500.
 BORDEAUX (HENRY) — *A Família Roquevillard* (Romance). Tradução de José Agostinho, 304 p. 8.^o—10500.
 CÉSAR (JOÃO) — *Cartilha de leitura da lingua portuguesa segundo a pronúncia do centro do país*, 80 p. 8.^o
 CHANTEPIERRE (GUY) — *O Acaso e o amor*. (Novelas). Trad. de Ferreira Lapa.—212 p. 8.^o—10500.
 DELLY (M.) — *A Hypócrita*. (Romance). Illustrações de Yordic, 111 p. 8.^o il.—6500.
 GUIMARÃES VILAR (AMÉLIA DE) — *Morrendo* .. (Sonetos), 34 p. 8.^o
 HENRIQUETA (MARIA) — *O Segredo*. (Romance). Trad. de Dulce L. de Figueiredo.—220 p. 8.^o
 INSAÍ (ALBERTO) — *O Preto que tinha a alma branca*. (Romance). Trad. de Aurora Jardim Aranha, 283 p. 8.^o c. capa il.—10500.
 LIAS (JUANNE DE) — *O Feiteiro da floresta*. (Romance infantil), 103 p. 8.^o il.—6500.
 LOUREIRO (JOÃO MARIA) — *Painéis do Ribatejo*. (Versos), 64 p. 8.^o—4500.
 MISTRAL (FRANCISCO) — *Calendal*. (Poema). Trad. de João Ayres de Azevedo, 255 p. 8.^o—8500.
 OLIVEIRA (CARLOS DE) — *As Mártires do cabelo comprido. Cabelos cortados*... Novela humorística. Com prefácio da ilustre actriz D. Auzenda de Oliveira, 80 p. 8.^o c. capa il.—7550.
 RAMA (ALÍPIO) — *Verbo humilde*. Poemas, 162 p. 8.^o c. o retr. do A.—7500.
 RAMALHO (ORTIGÃO) — *As Farpas*. Tomo IV. O parlamentarismo, 3.^a ed., 204 p. 8.^o
 SILVA (D. MAURO DA) — *A Lira dum cenobita*. (Poesias religiosas), 248 p. 8.^o
 SOTO MAIOR (EUCLIDES) — *Orações*. Sonetos, 70 p. 8.^o—7550.
 THERRY (GEORGES) — *Traição redentora*. (Romance). Trad. de Sousa Martins, 360 p. 8.^o—10500.
 VAUTEL (CLÉMENT) — *Sua Reverendíssima entre os pobres*. Romance da actualidade. Trad. de Oldemiro Cesar, 335 p. 8.^o c. capa il.—10500.
 VAUTEL (CLÉMENT) — *Sua Reverendíssima entre os ricos*. Romance da actualidade. Trad. de Oldemiro Cesar, 296 p. 8.^o—10500.
 ZOZAYA (ANTÓNIO) — *As Auroras*. Trad. de Novais Teixeira, 300 p. 8.^o—10500.

SCIÊNCIAS E ARTES

ANDRADE (RUI DE) — *Apontamentos para um estudo sobre a origem e domesticação do cavalo na península ibérica*. Aproximação, 30 p. 8.^o

BARRIGAS (AURELIANO) — *Como tratar o meu automóvel*. 149 p. 8.^o c. capa il.—7500.
 CARTON (DR. PAUL) — *A Cozinha simples*. Trad. de Fernando Sá, 301 p. 8.^o—12500.
 CUNHA DA SILVEIRA (HENRIQUE) — Uma conferência *(Os pastagens açoreanas)* e um estudo *(Questões leiteiras)*. 72 p. 4.^o—10500.
 EHRET (A.) — *A origem das doenças e a sua cura pela dieta natural*. Trad. de B. Wiborg, 2.^a ed., 72 p. 8.^o—2500.
 MANTEGAZZA (PABLO) — *Fisiologia do belo*. Trad. por Arlindo Varela, 172 p. 8.^o—9500.
 MONTEIRO (DR. ARLINDO CAMILO) — *A medicina e a Igreja*. (Fragmento de um estudo), 19 p. 8.^o
 RITA — MARTINS (A.) — *Elementos da higiene tropical*. Tomo I, 252 p. 8.^o—5500.
 SILVA CARVALHO (D. DA) e CAMPOS PEREIRA (J. P. DE) — *Tabelas de resistência de materiais*. 93 p. 8.^o—25500.
 STALL (SYLVANUS) — *Tudo o que um rapaz novo deve saber, ou conselhos à mocidade*. 163 p. 8.^o—5500.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ANDRADE (ANTÓNIO FRANCISCO DE), abade dos Arcosellos — *Descrição e historia do concelho de Moimenta da Beira*, 147 p. 8.^o
 BAPTISTA VILARES (JOÃO) — *Monografia do concelho de Alfândega da Fé*, 287 p. 8.^o
 MAGALHÃES LIMA — *Episódios da minha vida*. Memórias documentadas com fotografias e caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e Francisco Valença, 333 p. 8.^o—10500.
 SARDINHA (ANTÓNIO) — *Durante a fogueira*. Páginas da Guerra, 281 p. 8.^o—12550.

RELIGIÕES

SILVA (P. DEODATO MARIA DA) — *Jesus, delícia da alma que o procura*. 524 p. 8.^o

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO (CAPT. JOSÉ) — *Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da grande guerra*. 38 p. 8.^o—5500.

BELAS ARTES

CALDEIRA PIRES (ANTÓNIO) — *História do Palácio Nacional de Queluz*. Prefácio-estudo de Alfonso de Dornellas. Vol. II.—XXXIII, 376 p. 8.^o—20500.
 GUERRA (OLÍVIA) — *Breviário do pianista*, 131 p. 8.^o—7500.
 PEREIRA GILADE (MANUEL) — *Memórias da Basílica da Estréla*. Publicadas e prefaciadas por António Baião.—XXXIX, 205 p. 8.^o—15500.
 PESSANHA (D. JOSÉ) — *S. Pedro de Balsemão e S. Pedro de Lourosa*. (Arquitectura pre-românica em Portugal), 77 p. 8.^o—8500.
 ROSA (JOÃO) — *Iconografia artistica eborensis*. Subsídios para a história da arte no distrito de Évora. Com um prefácio do Dr. Manuel de Sousa Pinto, VII, 260, 35 p. 8.^o—100500.

SCIÊNCIAS CIVIS

AMORIM (CARLOS DR) — *A Questão nacional*, 123 p. 4.^o
 GUSMÃO MADEIRA (MÁRIO DE) e PEREIRA DE MELO (RUI DE LIMA) — *Notas a lei do inquilinato*, 1.^a parte—Comentário e actualização da lei n.^o 1062 de 4 de Setembro de 1924, e leis e decretos posteriores, fontes dos artigos e sumário com cerca de 200 acordãos, 76 p. 8.^o—8500.

CAMONIANA

CAMÕES (LUIS DE) — *Dinamene, alma minha gentil*. (Poesias) com um estudo de Afrânio Peixoto, 169 p. 8.^o c. 1 est.

POLIGRAFIA

ALMANAQUE do «Jornal de Notícias», 1927.—328 p. 8.^o

REVISTAS

Abordando e explanando os mais diversos assuntos, umas de carácter técnico e esotérico, outras de índole apenas literária, e outras ainda de texto mixto, isto é, abrangendo secções instrutivas ao lado das meramente recreativas, atingem número não mesquinho as revistas actualmente vindas a lume em Portugal. Há público para tôdas elas? Diz-se que não. O certo é que se mantém e ainda que a sua publicação, quanto a muitas delas, se faça à custa de grandes sacrificios, não devemos senão louvar e fazer votos pela sua persistência. É nas páginas das revistas que se devem revelar os valores novos da literatura, os novos poetas e os novos prosadores. Ai só é que seus tentames, seus ensaios, suas experiências vacilantes devem tomar o primeiro contacto com o público. E encarando o caso assim, mal andarão as revistas que recusarem entrada a esses novos valores, porque, sem outro meio de virem a publico, estes só terão o recurso do livro e daí esse dilúvio de brochuras de anémico miolo que todos os dias aparecem e não conquistam nem um mediocre acolhimento.

Damos em seguida uma relação das revistas que estamos recebendo com regularidade:
Ação Católica.— *guia (A)*.— *Alma Nova*.— *Amigo da Infância*.— *Anais das Bibliotecas e Arquivos*.— *Arquitectura*, cujo n.^o 1.^o saiu agora, sendo mensal e dirigida por Francisco Costa.— *Bibliográfica (A)*.— *Biblos*.— *Broteria*.— *Contemporanea*.— *De Teatro*.— *Dionysos*.— *Domíngio (O) Ilustrado*.— *Eco dos Sports*.— *Estudos*.— *Eva*.— *Gazeta dos Caminhos de Ferro*.— *Labor*.— *Lisboa Médica*.— *Lusitania*.— *Magaçine Bertrand*.— *Médicos Portugueses*.— *Nação Portuguesa*.— *Revista de Guimarães*.— *Revista Insular*.— *Revista de Historia*.— *Povo (O) de Silves*, de que saiu agora um número especial.— *Revista do Comércio e Contabilidade*.— *Revista Portugal-América Portuguesa*, de texto bilingue, em português e inglês.— *Sciencia e Industria*.— *Vasco da Gama e Vida Elegante*.

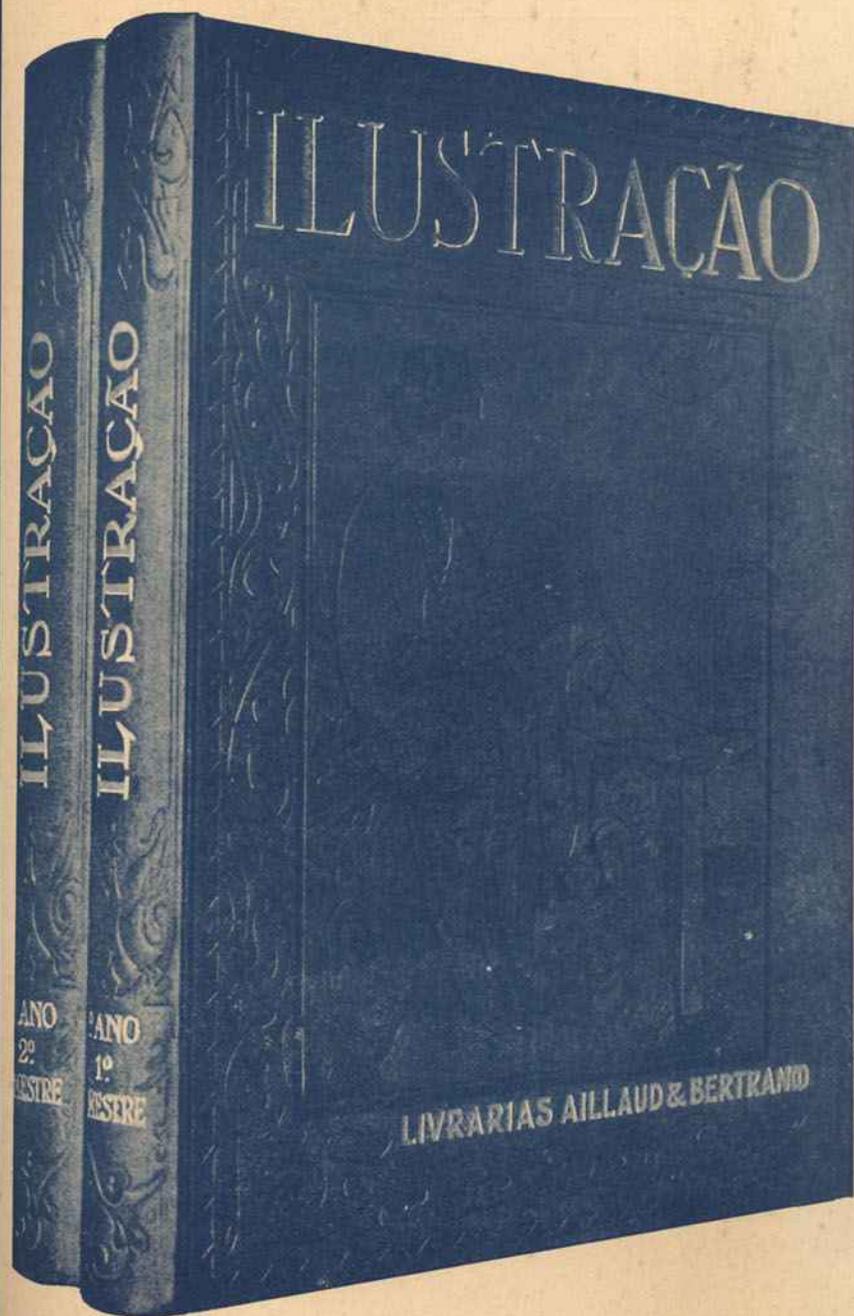
As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações as consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
	Escudos	Escudos	Escudos
CONTINENTE E ILHAS	22500	44500	88500
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	25500	50500	100500
INDIA, MACAU E TIMOR	27500	54500	108500
ESPAÑHA	24500	48500	96500
ESTRANGEIRO	32500	64500	128500

Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

Cada volume
encadernado

ESC. 68,500

Capa em percalina
com ferros especiais
para cada volume

ESC. 12,500

Capa
e encadernação
(cada volume)

ESC. 20,500

• • •

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS

AILLAUD

E BERTRAND

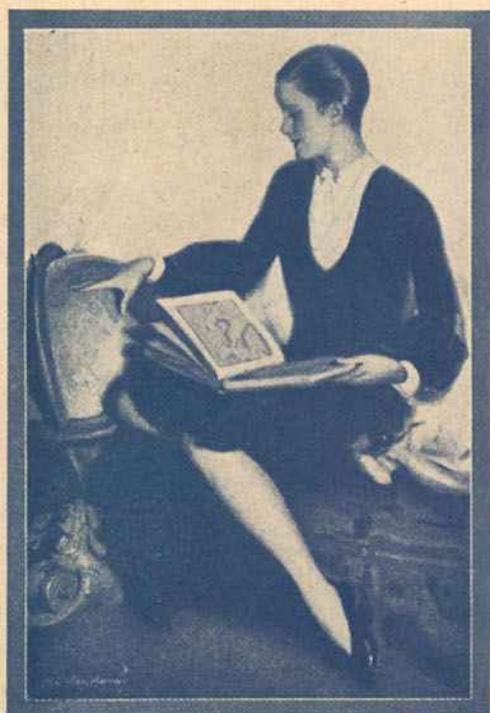
73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 2 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25—Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, e os números 13 a 24 para o 2.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

Leiam todos



O

MAGAZINE
BERTRAND
LEITURA PARA TODOS

Unico
no seu género
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 3.º Número